



# DENTES GUARDADOS

*daniel galera*

Porto Alegre, 2004

3ª edição revista





amor perfeito	<b>7</b>
clichê romântico	<b>10</b>
intimidade	<b>14</b>
natureza morta	<b>23</b>
os mortos de marquês de sade	<b>25</b>
será numa quinta-feira	<b>33</b>
triângulo	<b>36</b>
subconsciente	<b>46</b>
a escrava branca	<b>50</b>
manual para atropelar cachorros	<b>59</b>
alguma psicologia	<b>67</b>
todas as rosas do balde	<b>73</b>
tiroteio	<b>77</b>
dafne adormecida	<b>80</b>

Dentes guardados. Não acabam nunca se guardados.  
Na boca apodrecem.

*Hilda Hilst*, COM OS MEUS OLHOS DE CÃO

# amor perfeito

Ele tirou a minha virgindade. Transamos no meu quarto, noite suarenta de sábado em que meus pais estavam no sítio, uma penetração indolor, lenta e gostosa, e pelo resto da madrugada ele acariciou incansável o meu corpo, venerando tudo, meus peitos que eu temia serem pequenos demais, minha bunda que eu achava mole, meus pés com dedos tortos, eu tinha medo de como os homens julgariam meu corpo, era minha única ansiedade e ele desmentiu-a logo em nossa primeira noite de cama. Na primeira vez que fizemos sem camisinha, estranhei a sensação de ter aquela porra dentro de mim, sentei-me sobre os tornozelos pra que tudo escorresse de uma vez para fora, me sentindo ridícula, ele pôs um lenço de papel na palma da mão e colocou-a entre as minhas pernas, dizendo Ei assim tu vai manchar o teu edredon. Os gestos dele me surpreendiam, trazendo calma e conforto, sempre iam a favor das minhas expectativas. Dia desses num bar uma menina chegou vendendo rosas, e por um instante temi que ele fosse me oferecer uma rosa, atitude que eu teria considerado estúpida, odeio flores e odeio babaquices românticas, mas não, ele recusou a rosa e ainda me disse Eu espero que tu nunca espere que eu te dê rosas. Não concordamos em tudo, na verdade temos gostos muito antagônicos para várias coisas, filmes e marcas de cerveja por exemplo, mas

ele nunca mostrou-se preocupado em mudar minhas opiniões, aceitando minha personalidade, meus erros e meus estados de espírito com absoluta tolerância, anulando a vergonha que tive certa vez por chorar na frente dele com o gesto de lamber meu rosto e engolir minhas lágrimas, compartilhando meus momentos de angústia com abraços silenciosos, e numa noite em que saí sozinha e traí ele pela primeira vez, percebi que tinha uma chance de testar sua tolerância. Conteí tudo, e para meu espanto ele apenas moveu as pálpebras macias e me disse que achava natural o desejo fora do relacionamento, que estava chateado mas que minha traição não influía no seu amor por mim. Insisti, descrevi detalhes do rapaz, dos beijos e carícias na pista de dança e isto, ao invés de abalá-lo, excitou-o. Acabamos transando, e eu gostei. Foi a partir daquele dia que a tolerância dele tornou-se irritante. Me convenci de que eu devia provocá-lo, eu necessitava de um pouco de ódio, tumulto, nosso amor era certo demais. Só que não funcionou: ele aturou meus porres escandalosos, meus arrotos em público, respondeu minhas agressões verbais à altura, acatou todos os meus comportamentos. Porque me amava. Me tratava tão bem, reagia tão perfeitamente às minhas expectativas, que o amor dele passou a me dar tédio, tornou-se irritante de tão pleno, de tão incorrigível. Daí resolvi terminar, mandei ele à merda. É claro que até nisso ele foi compreensivo. Eu estava prestes a acender o terceiro cigarro quando ele finalmente reagiu, e foi para me dar um abraço. Respeitou meus sentimentos, disse entender que seu amor incondicional me agredisse. Mas não era pra ele entender!

não era pra aceitar, porra!, era pra sentir ódio, pra me odiar, parti pra cima daquele filhodaputa, atirei telefone, copos, livros, cadeira, tudo pra cima dele, ele devolveu, me bateu com força, me xingou, e cada tentativa minha de machucá-lo ele respondeu, cuspi nele e ele me cuspiu, arranhei o rosto dele com ferocidade, ele me chutou pelo chão da sala, senti dor berrei como uma porca, e percebi horrorizada que até mesmo naquele momento, por deus, ele estava fazendo o que eu esperava dele, ele estava me dando o que eu queria.

## clichê romântico

Era preciso convencê-la de que eu a amava. Por causa disso, evitei olhar diretamente para seu lábio inferior saliente e úmido, e pra graciosa porção de peito que ela exibia no decote, aquela zona de macio musculoso da parte superior dos seios. Qualquer rudimento de excitação arruinaria meu objetivo. Porque não sou bobo, leitor: li suficientes psicólogos evolucionistas para saber que um homem tem muito mais chances de convencer uma mulher de seu eterno amor e devoção quando não está imaginando uma relação sexual com ela. Elaborar provas de amor é um exercício intelectual.

Camila bebe mais do que eu, e crava os olhos tristonhos no copo. Como toda obra-prima anatômica, ela é uma menina seletiva. Não é culpa dela. A seleção natural ainda não foi capaz de assimilar o significado de uma pílula anticoncepcional. Para os genes de Camila, não há sentido nenhum em investir numa relação sexual improdutiva. A gente até transava bastante nos primeiros meses. Faz algumas semanas que ela desinteressou-se pelos assuntos carnavais e sobrevieram os tais olhares tristonhos e analíticos, desse mesmo tipo que agora ela derrama no copo de cerveja como forma de me forçar a dizer alguma coisa. Que sim, eu estou feliz com nosso relacionamento. Que não, não tenho me interessado por outras mulheres. Que amo ela, claro que amo. E eu vou dizer, vou

sim, foi pra isso que combinei esta noite num bar. Quando uma mulher entra em ponto morto, é necessário transformar suas esperanças em certezas. Se não sou eu quem engana ela, logo será um outro.

Admito de antemão todas as acusações: cínico, egocêntrico, canalha, machista, egoísta. Resolvido isso, proponho ao leitor imaginar Camila: ela é gostosa, um pouco esnobe, e adora filmes europeus que mal compreende. De minha parte, acho que ela poderia ler mais livros, mas isso pode ser resolvido facilmente com uma orientação adequada. Já comecei a trabalhar neste sentido faz alguns dias, propondo-lhe o desafio da leitura e entregando pra ela algumas boas obras, além de alguns textos não-publicados de minha autoria (sou um pretense escritor), entre eles um pequeno romance-paródia de Lolita cujo título – "Rupert, o ginecologista pediátrico" – ela classificou de "doente". Ah, e ela canta bem, passeando fácil por notas altas. Mas esqueçam tudo isso, esqueçam as descrições genéricas. Imaginem Camila como uma excitante coleção de idiosincrasias da forma: ela possui cicatrizes deliciosas, um jeito todo especial de bocejar, lindas estrias distribuídas com a necessária moderação (ela me conta que cresceu muito rápido), toda espécie de trejeitos encantadores. Agora mesmo ela espreguiça-se de maneira bastante peculiar, deitando o corpo sobre o encosto da cadeira, apoiando o dorso das mãos na testa e ronronando impaciente. Se o leitor foi capaz de elaborar a imagem correta, compreenderá meu egoísmo e minha relativa falta de caráter.

É hora de acabar com isso. Vou reformular clichês românticos com um dicionário de sinônimos, abusar de figuras

de linguagem e persuadi-la do verdadeiro amor que sinto por ela. Assim, ela estará novamente convicta de que mereço comê-la. Antes, só pra retomar o diálogo, pergunto se ela quer mais uma cerveja. "Óbvio". Meu amor, minha querida. Direi tudo que tu quer ouvir, e irei ainda mais longe. Aguardo ansioso o dia em que a superpopulação do planeta trará de volta nossa natureza poligâmica, o sexo hedonista prevalecerá para sempre sobre o sexo utilitário e então a cópula já não será um método de reprodução e sim uma celebração da existência. Gostei deste raciocínio, quase proponho a Camila "vamos deixar desse ranço todo e celebrar nossa existência?". O garçom larga a cerveja na mesa, sirvo lentamente nossos copos, simulando apreensão, pronto para expressar toda minha ternura, e quando vou abrir a boca ela me interrompe: "Eu tou grávida".

Camila disse isso e me fitou com os olhos aguados. Parecia mendigar uma resposta que expressasse um mínimo de cumplicidade. Fiquei mudo, obviamente, talvez por alguns minutos, e ela entendeu meu silêncio absoluto como sendo de fato um silêncio absoluto, recolheu sua bolsa numa lentidão torturante e foi embora, deixando o copo cheio.

Caro leitor, se não somos chimpanzés é porque temos a melancólica capacidade de chorar sozinhos durante as madrugadas.

# intimidade

Tinha um negocinho verde na minha escova de dentes. Tava preso na base das cerdas. Enfiei a unha ali até conseguir tirar. Era um pedaço de alface.

— Linda, tem uma porra dum pedaço de alface na minha escova!

— ...

— Tu andou usando a minha escova de dente?

— Claro que não! – ela gritou da sala.

— E desde quando eu como alface? Eu não como planta e tu sabe muito bem. Por que tu usou minha escova?

— ...

— Linda, por que tu usou a minha escova?

— Eu perdi a minha.

Ela perdeu a escova dela.

— Como é que é?

— Perdi a minha escova, droga! Usei a tua uma vez só, não vai te matar.

— Como assim perdeu a tua escova? Como alguém perde uma escova de dentes?

— Sei lá, caralho, ela sumiu.

Como faria ela entender que não se usa a escova de dentes de outra pessoa? Linda é assim mesmo. Ela é capaz de perder sua própria escova de dentes. Ela dorme no meu apar-

tamento nos fins-de-semana e às vezes aparece também nos dias úteis, pra comer minha comida, beber minha cerveja e dormir abraçadinha comigo. Somos como todo mundo, precisamos disso de vez em quando. Ao voltar pra sala, esperava que ela pedisse desculpas por ter usado minha escova. Ela nem olhou pra mim, estava futricando alguma coisa entre os dedos do pé. Eu ainda segurava a escova de dentes, ofendido. Precisava de alguma indicação de arrependimento dela, só pra neutralizar este meu ódio irracional causado pelo pedaço de alface, um ódio que no momento me parecia justificado, e cuja banalidade só pude perceber minutos mais tarde. A indiferença dela me irritou tanto que atirei a escova de dentes na sua direção.

— Agora pega essa merda pra ti.

Eu sei que não precisava. Mas pequenas causas de orgulho e ódio são excelentes motivadoras de atos impensados. Ela catou o cinzeiro de vidro e jogou na minha cara, acertou na testa.

— Qual é a tua? Imbecil.

Dei um tapa na cara dela.

Tirei toda a roupa de Linda e deitei-a de bruços na cama. Ela ainda chorava. Lambi a parte interna de suas coxas. Ela botou os fones de ouvido nas orelhas e ligou o walkman. Depois empinou um pouco a bunda, mas não muito, senão

sente dores nas costas. Como sempre, começou a falar, agora contando uma história sobre o irmão menor dela, que certa vez trouxe duas tartarugas para criar em casa. Ele construiu um viveiro enorme para elas, com mais de um metro quadrado. Tinha um laguinho, plantas, pedras, uma caverna, tudo que uma tartaruga poderia desejar. Com a cara enfiada entre as nádegas dela, eu podia escutar por trás deste fascinante monólogo o som dos fones de ouvido, era uma fita da PJ Harvey. Mantinha os olhos sempre fechados. Desde o primeiro dia, o irmão colocou folhas de alface no viveiro das tartarugas (creio que não foi proposital a escolha de um episódio envolvendo alface, deve ter sido uma associação mental inconsciente, não pude culpá-la). No primeiro dia elas não comeram. Nem no segundo. Aproximei o dedo da boca para cobri-lo de saliva. Toquei o cu de Linda, ela interrompeu por alguns décimos de segundo a sua história. Depois continuou, só que mais pausadamente. Tinha parado de chorar, e sorria docemente enquanto falava. O irmão experimentou dar pedaços de carne às tartarugas, mas elas rejeitaram. Depois de cinco dias de jejum, elas estavam bastante debilitadas. Os cascos amoleceram. O cuzinho dela rendia-se, macio. Enfiei devagar, medindo no mesmo ato violência e carinho. A ternura que sentia por Linda naquele instante era intolerável. Ela ficou quieta por um tempo. Logo depois retomou a narrativa, agora pontuada por expirações curtas e vigorosas. As tartarugas estavam quase mortas, quando ocorreu ao irmão colocar as folhas de alface no laguinho. Os bichos pularam para dentro d'água e devoraram compulsiva-

mente a verdura. Como poderia saber que só comiam dentro da água? Mas as tartarugas estavam salvas. Peguei um dos fones, botei na minha orelha e beijei Linda até que nossas bocas já não soubessem mais o que fazer. Quando a fita terminou ela disse:

— Vamos no cinema.

(é que logo em seguida ao tapa percebi todo o absurdo daquele nosso enfrentamento, ela nem botou a mão no rosto nem nada, apenas encarou-me incrédula e esperou, pois já sabia que eu pediria perdão, me arrependeria, me sentiria mal, um merda, um filho da puta. Abracei-a com força naquele silêncio que vem depois de todo tapa, apaziguamos, não havia problema que ela usasse minha escova, que usasse qualquer coisa, mas às vezes precisamos de inimigos para descarregar nossa amargura. Realizei meu ataque utilizando como pretexto o primeiro evento disponível e esperava que ela me desse razão para que todo o meu pequeno ódio pelo mundo tivesse fundamento. Não fui capaz de ver as coisas do ponto de vista de Linda, que ela pudesse usar a minha escova de dentes caso precisasse era um pressuposto de nossa intimidade, algo importante para ela. Abracei-a e pedi desculpas muitas vezes, ela chorou mas senti-me perdoado, nos beijamos, acontece, a gente briga de vez em quando eu falei, ela sorriu um pouquinho, é, acontece. Fomos para o

quarto, enfiei a mão por dentro de sua camiseta, acariciei suas costas, a gente se ama, ela ainda chorava.)

Fomos assistir uma comédia romântica bobalhona. Linda adorava melodramas, dizia que "às vezes é bom ver filmes desse tipo". Vinte minutos de caminhada até o cinema, escurecia. Antes do filme sentamos para tomar um café. Linda fumou três cigarros, quantidade que ela costuma consumir em dois dias. Não gosto quando ela fuma, pega um gosto horrível na boca. Na bilheteria do cinema, vimos o cartaz do filme escolhido. Tinha a Julia Roberts. Entramos atrasados numa sala de projeção com uma dúzia de sujeitos espalhados aos pares pela platéia. Sentamos numa fileira do fundo. Quando o filme começou ela encostou a cabeça no meu ombro. Segurei sua mão.

O início era o mesmo de todo filme norte-americano. Uma divertida cena introdutória, seguida da apresentação de cada um dos personagens. Linda me sussurrou no ouvido que precisava ir no banheiro. Depois que saiu, desliguei minha atenção do filme e caí num fluxo de devaneios. Imaginei minha vida sem Linda e compreendi o quanto verdadeiramente precisávamos um do outro. Sem ela eu tinha uma rotina de aulas e emprego, uma família no interior, um apartamento vazio, pouco mais do que isso. E eu, de certa forma, era pra ela um salva-vidas no meio de pais conservadores e

pessoas, na sua opinião, idiotas. Todos eram idiotas.

Linda não retornava. Saí do cinema e gritei por ela no banheiro feminino, sem obter resposta. Procurei-a nos bares e cafés ao redor, mas ela havia desaparecido.

Concluí que devia ter voltado para o meu apartamento, ela tinha uma cópia da chave e dificilmente teria ido pra casa da família. Retornei para o meu prédio sem saber ao certo como reagiria ao encontrá-la, ou que explicação ela me daria, caso houvesse alguma. O apartamento, porém, estava vazio.

Sentei numa mesa da calçada e pedi um copo de trigo velho e uma Coca-Cola. Os bares já estavam todos cheios, passava das nove horas da noite. Reconheci uma pessoa aproximando-se a partir da calçada oposta. Era o Beto, um amigo dos tempos de colégio, que eu encontrava ocasionalmente pela noite. Sentou-se na minha mesa.

— E aí, como é que tá? Eu sabia que ia encontrar alguém pra tomar uma ceva!

— Oi.

— Vou baixar uma ceva pra nós!

Apenas sacudi a cabeça, elevando meu copo de trigo velho no ar. Torci para que ele entendesse a mensagem sem que eu precisasse dizer mais nada.

— Ah, ok. Mas vou tomar uma sozinho, então.

— ...

— E aí, o que tem feito? Cadê a Linda?

— Boa pergunta.

— Vocês ainda tão juntos?

— Sim.

— Tou com saudade dela.

— ...

— Como vai a faculdade? Publicidade, né?

— Jornalismo.

— Isso. Tá curtindo?

— Não. Um pouco.

Ele encheu o copo com cerveja e bebeu num gole só. Olhou para baixo e depois para os lados. Tirou uma caixa de lenços de papel do interior da mochila, puxou um e assoou o nariz. Olhou para baixo novamente, e depois pra mim:

— Tu tá a fim de ficar sozinho?

— Na verdade, sim. Não leva a mal.

— Tudo bem. A gente se fala uma outra hora, então.  
Vou indo.

Esvaziou a garrafa no copo e tomou tudo, apressado. Nos cumprimentamos e ele se afastou. Chamei o garçom e pedi mais um copo de trigo velho. Bebi sozinho até que o álcool se tornasse um assunto mais urgente do que a ausência de Linda.

Entrei no apartamento, fui imediatamente ao quarto e encontrei ela deitada de lado na cama. Tirara apenas os sapa-

tos e dormia com a boca entreaberta. Me ajoelhei e observei mais de perto seu rosto, parcialmente encoberto pelos cabelos emaranhados. Tinha olheiras, e a maquiagem preta e azul dos olhos estava um pouco borrada, enchendo de tristeza a cara bonita.

Voltei para a sala e avistei sobre a poltrona uma garrafa de vodka quase vazia. Estava aberta, deitada de lado assim como Linda sobre a cama, e uma porção de bebida havia escapado pela gargalo e molhado a almofada.

Peguei um copo na cozinha, enchi com água da torneira e bebi, repetindo mais duas vezes. No caminho para o banheiro, estranhei a presença de um saco plástico sobre a mesa da sala. Tinha no lado de fora o logotipo de uma farmácia. De dentro do saco, tirando uma por uma, contei vinte e oito escovas de dente.

## natureza morta

“Moro a duas quadras daqui”, disse a mulher mais velha. Ela tinha trinta e dois anos. Saímos da festa, eram umas três da manhã, cambaleamos pela calçada até a entrada do prédio dela. Pela primeira vez eu ia comer uma coroa. Mulheres mais velhas não me excitam especialmente, mas eu estava ansioso pra ver do que ela era capaz. Perguntei o que ela fazia, “Sou fotógrafa”. Quando entramos no apartamento, o que vi foram quadros nas paredes. “Estes são meus quadros”, ela apontou desequilibrando-se, a boca mole, alcoolizada. Apartamento acertadinho, vasta cama de casal. Enquanto nos esfregávamos e despíamos as roupas, quase dormi. Cheiro de mulher mais velha, mais azedo, mais forte. Sei lá o que aconteceu, ela me cavalgou. Lutei pra não pegar no sono. Olhei pra ela, também parecia estar dormindo, em cima de mim. E estava. Ela desabou pro lado e começou a roncar. Não gozei e, misteriosamente, perdi o sono. Me levantei e comecei a passear pelo apartamento. As pinturas eram horríveis. Estavam no quarto, na sala, no corredor. Deveriam incinerar todas as naturezas-mortas. Não respeito pessoas que pintam frutas, nem vegetarianos em geral. Senti vontade de vomitar, mas respirei fundo e passou. Fiquei um tempo parado na cozinha, em silêncio, aguardando que viesse algum ruído lá da rua pra me distrair. Antes que isso acontecesse,

veio uma terrível vontade de mijar. Fui dedilhando as paredes do corredor. Pouco antes de chegar na porta que decerto seria a do banheiro, surgiu na minha frente um menino. Vestia um pijama verde-água de mangas compridas. Parecia um indiozinho com cabelos lisos bem cortadinhos e imensos olhos arregalados. Sua cabeça ficava mais ou menos na altura das minha bolas, ele ficou ali encarando em linha reta o meu escroto, sem dizer nada. Fiquei paralizado. Um pouco depois passou por mim, cuidando pra não se encostar, e foi em direção ao quarto: "Mãe?"... Ele me pareceu assustado. Entrei no banheiro, fechei a porta e mijei. Voltei para conferir o quarto. O menino estava em cima da cama, sacudindo a mãe. "Acho que a tua mãe tá muito cansada, ela não vai acordar. Vai dormir" eu disse pra ele, me vestindo. Ele me seguiu quando eu saía pela porta. "Tranque a chave", sugeri. "Tu não sabe onde tá o meu pai?", ele perguntou meio choroso. Demorei pra responder. "Ele deve tar viajando". Desci pelas escadas cantando uma música, fazendo esforço pra só começar a pensar em tudo isso no dia seguinte.

## os mortos de marquês de sade

Estávamos acampados na cidadezinha de Marquês de Sade, nas proximidades da região do estado gaúcho denominada Alto do Jacuí. Explica-se assim um acampamento tão insólito: a vó da Suzana possuía um pequeno terreno abandonado à margem do rio Preguinhas, alguns quilômetros distante da cidade, e a própria Suzana veio com a idéia de fazer um acampamento selvagem antes que as férias de verão terminassem. Apesar da nomenclatura diminutiva, o rio era largo e caudaloso. No terreno havia também um velho galpão, que com suas telhas esburacadas e tábuas podres parecia sempre prestes a sucumbir, e no entanto era um abrigo aceitável para suportar as chuvas, fazer as refeições e passar as madrugadas emborcando vinho *Pérgola tinto doce* de garrafão, daqueles mais violentos.

Era isso. A gente virava as madrugadas bebendo irracionalmente, contando histórias de terror, escutando música no walkman amplificadas pelas caixinhas de som do computador do Marlos, e durante o dia tomávamos banho no Preguinhas e cochilávamos debaixo das árvores e dos mosquitos.

Além de mim, do Marlos e da Suzana, havia o Jarcia, o Baleno, a Lonise, a Loreta e a Gorete. Foi o Jarcia que, logo no primeiro dia, teve a idéia de amarrarmos a corda numa árvore na beira do rio, fazendo um laço na ponta. Seguráva-

mos neste laço na ponta da corda e nos atirávamos na correnteza do rio. Era uma tática suicida, ainda mais que o rio Preguinhas estava muito cheio devido às chuvas constantes, mas que era divertido, ah isso era. Tenho certeza que estivemos muito próximos da morte ao praticar esta brincadeira, mas no fim das contas ninguém morreu, só aconteceram alguns pequenos acidentes. Eu bati minha perna numa pedra e abri uma boca na canela, mas a ingestão permanente de garrações de vinho *Molón* minimizou a gravidade deste problema.

As noites eram ainda mais divertidas. Todos ficávamos extremamente bêbados, e isso resultava em duas fases distintas que se repetiam toda noite: primeiro, tudo parecia ser engraçado, o que ocasionava bons momentos de camaradagem; lá pelas três da manhã, no entanto, invariavelmente surgiam pequenos desafetos e irritações que deixavam o clima pesado. Na segunda noite, por exemplo, ainda estávamos na fase da camaradagem quando eu e a Lonise sentamos na beira do rio, completamente bêbados. Eu estava imerso na imagem das estrelas e no som da correnteza, chegando a conclusões bombásticas acerca da existência. Lonise se interessou. Olhou pra mim e perguntou, no que tu tá pensando, Talera? Respondi que estava pensando que a vida é como uma queda. É como cair, cair num buraco muito alto, onde nem dá pra ver o fundo, mas temos certeza de que ele existe. A vida é uma queda, e a vertigem é o melhor de qualquer queda. Quem sabe a vertigem de uma vida é essa sucessão incontrolada de desejos, medos, anseios, alegrias e toda espécie de sentimentos que, deslumbrados, nos esforçamos

em entender e controlar? Mas por mais que controlemos a nossa queda, ela sempre resultará no mesmo encerramento fatídico: nos esborrachamos lá embaixo. Logo, por que não encarar nosso fim, inclinando a cabeça para baixo, fitando corajosamente o abismo que se revela, fazendo de nossa vertigem algo intenso, válido, perturbador? Por que não fazer da morte a obra-prima da vida, o desfecho glorioso de um livro complicado e difícil de entender, mas que contudo nos leva ao riso e ao choro, à dor e ao gozo, à paz e ao desespero? Nisso percebi que ela estava com a cabeça no meu colo, emitindo gemidos esquisitos de êxtase, muito embora eu não estivesse tocando nela nem nada. As palavras, ela murmurava, as palavras me causam prazer, é muito bom, muito. Tá bom, continuei falando. Lonise se contorcia, como se eu estivesse fazendo um bom trabalho de mão nela. Aquilo era demais. De repente ela estava abraçada em mim. E de repente olhei pro lado, pro alto do barranco, e lá estava o Baleno, só nos observando. Na manhã seguinte, a barraca do Baleno não estava mais lá, muito menos o próprio Baleno. O Baleno era o namorado da Lonise.

Foi somente no terceiro dia que resolvemos fazer um passeio mais cuidadoso pela cidade de Marquês de Sade. Era um vilarejo rural de colonização alemã. Os adultos, por sinal, se comunicavam exclusivamente em alemão. Nossa presença na cidade era um acontecimento fantástico praquela gente. De onde viemos? Por que? Os habitantes de Marquês de Sade nos encaravam como se fôssemos aardvarks perambulando pela Rua da Praia.

Tomamos umas cervejas num boteco. Eu resolvi voltar para o acampamento antes dos outros, porque estava cansado. Entrei na minha barraca e dormi. Mais tarde, o resto do pessoal chegou, e o Marlos me contou que ele e o Jarcia tinham ido ao cemitério da cidade. Era um cemitério pequeno, mas cheio de túmulos legais. A partir daquele dia, passamos a freqüentar o cemitério todos os dias, nos finais de tarde, eu, o Marlos e o Jarcia. Levávamos conosco vinho e livros. O Marlos estava lendo *A Metamorfose* fazia três semanas. O Jarcia estava lendo *Crime e Castigo*, uma edição estudantil resumida pelo Carlos Heitor Cony. Eu estava lendo um Borges. Nenhum tinha muito a ver com cemitérios, mas a gente se sentia bem lá, cada um encostado numa lápide (a minha favorita era uma pequenina, rodeada de flores quase mortas, cuja inscrição informava que o defunto falecera dezessete dias após o nascimento), até que o sol desaparecesse atrás dos campos.

Teve um dia que eu não fui pro cemitério. E justamente naquele dia o Marlos voltou exaltado, trazendo consigo três pequenas estátuas de anjo e contando uma novidade: tinha conhecido o coveiro, que estava retirando algumas peças do cemitério, como estátuas e lápides. Marlos perguntara pro coveiro se podíamos pegar algumas coisas pra nós, e ele respondeu que não havia problema algum. Trouxe três estátuas de anjo, daquelas que decoram túmulos, feitas de gesso e revestidas de tinta prateada. E tem mais, disse Marlos com um brilho nos olhos: descolei duas lápides. Duas lápides enormes. Muito afudê.

Pensei nisso. Uma lápide. De verdade. Eu poderia colocar na cabeceira da minha cama. Junto com o anjo. Seria uma decoração e tanto.

As lápides ainda estavam no cemitério. Combinamos, eu e o Marlos, de ir buscá-las no dia seguinte. Pela manhã fomos à cidade. O coveiro estava lá, cavando. Um alemão de dois metros de altura, com uma barriga descomunal. Era a pança mais absurda que eu já vi. Parecia uma enorme saca de grãos pendurada no abdômen. Era, apesar do aspecto grosseiro, um sujeito simpático. Pedimos para levar as lápides. Ele nos encarou muito intrigado, mas não se opôs. Inclusive, ofereceu o carrinho de mão emprestado. Vocês vão precisar, disse ele. Fomos conferir as lápides. Eram imensas, feitas de rocha maciça, com inscrições gravadas na pedra. As datas eram do século XIX. Uma de mulher, a outra de homem. Ambos viveram até quase os sessenta anos. Imaginei por que razão estas lápides estariam sendo jogadas fora, mas me contive e guardei a pergunta pra mim. No fundo eu não queria saber.

Tentei mover uma das lápides. Era impossível. Pesava, sem dúvida nenhuma, mais de cem quilos. Pedimos ajuda ao coveiro. Ele nos auxiliou na tarefa de colocar as lápides sobre o carrinho de mão. Foi embora, pedindo que devolvessemos o carrinho no fim do dia.

Conduzir aquele carrinho de mão com duas lápides de rocha dentro foi um desafio muito mais exigente do que se podia imaginar. Fazia um calor sudanês, e avançávamos poucos metros por minuto. Eu e o Marlos prosseguíamos em total silêncio, nem nos olhávamos. As poucas pessoas que

encontramos na rua paravam e nos observavam com uma curiosidade ruminante. Não dei muita bola pra elas no momento. Percebi que o número de curiosos aumentava com o passar dos minutos. Eu estava concentrado demais no carrinho de mão e nas dores horrendas que sentia no braço pra dar importância a esse fato. Finalmente admitimos que seria impossível levar as lápides até o acampamento, eram pesadas demais. A solução surgiu rápido: a rodoviária de Marquês de Sade ficava a um quarteirão do local onde estávamos. Nosso retorno para Porto Alegre seria na manhã seguinte. Levamos as lápides até lá e batemos na porta de uma casa que ficava ao lado da rodoviária (a rodoviária consistia em uma pequena placa na frente de um bar onde velhinhos conversavam em alemão e jogavam cartas). Uma senhora nos atendeu. Pedimos pra deixar as lápides na garagem da casa dela, explicando que nosso ônibus de volta a Porto Alegre saía amanhã de manhã, quando então buscaríamos as lápides para levá-las pra casa. Estranhamente, ela aceitou na hora, sem fazer perguntas. Boa gente. Levamos o carrinho de mão de volta ao cemitério e retornamos pro acampamento. Pra curar a exaustão, um banho de rio.

Ninguém tinha despertador. Acertamos que um de nós precisaria ficar acordado até o raiar do dia, pra evitar que todos dormissem demais e perdessem o ônibus. Fui o escolhido, por sorteio. Virei a madrugada sozinho, na beira do rio, tomando vinho de garrafão *Velho Testamento*. Imaginava a lápide na cabeceira da minha cama. Seria formidável. Guardaria aquilo pro resto da minha vida, passaria pros meus filhos e netos. Uma lápide!

Nada podia nos preparar para o que encontramos às nove da manhã em frente à rodoviária. Uma multidão, provavelmente toda a população da cidade, aguardava nossa chegada. Crianças, homens, mulheres, velhos, até mesmo alguns cavalos estavam lá pra ver os sujeitos de Porto Alegre que pretendiam levar duas lápides de cem quilos pra casa. Fomos passando pelo meio da alemoada como se fôssemos atração principal de um circo. Uma mulher sussurrou pra mim: acho que o motorista não vai deixar. Respondi que ia deixar sim. A senhora da casa já estava com a garagem aberta, nos aguardando. Levamos quase dez minutos pra conseguir levar as lápides até o ônibus, que estava a uns quinze metros. A técnica consistia em rolar elas pelo chão, e para isso era preciso seis braços de cada vez. A cidade inteira nos observava em silêncio. Talvez estivessem fazendo apostas. Quando finalmente chegamos até o ônibus, o motorista nos olhou, olhou bem pras lápides, nos olhou novamente e disse com muita calma: vocês não vão levar isso no meu ônibus. Por que não? É nossa bagagem! Minha lápide, eu ganhei! (nisso percebi que o próprio coveiro estava por ali, acompanhando a situação. A expressão em seu rosto era de pena). O motorista fulminou: não sou palhaço. As lápides não entram no meu ônibus. Saída daqui a três minutos.

Ficamos ali, eu e o Marlos, com duas lápides de rocha maciça tiradas do cemitério de Marquês de Sade, com a cidade inteira nos olhando, esperando pra ver o que íamos fazer agora. Tremi, apavorado. A solução era uma só. Chamei o coveiro e ofereci discretamente dez reais pra que ele pegasse

essas lápides e tirasse elas do meio da rua. Ele aceitou, me olhando com piedade. Aquele olhar me massacrou.

Enquanto o ônibus se afastava, ainda dei uma última espiada pela janela: a cidade inteira permanecia reunida num círculo no meio da rua, contemplando seus mortos.

## será numa quinta-feira

Será numa quinta-feira de vento frio, mas animada por um solzinho gostoso, daqueles que dá vontade ficar embaixo. Ela sairá de casa lá pelas nove horas da manhã como faz toda quinta-feira, depois de seis horas de sono e um banho apressado. Gastará os mesmos vinte minutos de sempre nas avenidas entupidas da zona norte, deixando-se levar automaticamente pelo fluxo letárgico dos carros, o semblante entediado, e não lhe ocorrerá, como não ocorre a nenhum motorista, a grande estupidez que significa o ato de entrar num automóvel e enfrentar o caos dos cruzamentos. Mas uma súbita sensação de equívoco, causada talvez pela visão da luz branda do sol tonalizando as folhas de uma praça, ou quem sabe por determinado verso de uma música no rádio, fará com que pouco antes de chegar ao hospital ela desvie do caminho de sempre e, sem razão aparente, conduza o carro por outras ruas, aleatórias e desconhecidas, até que alcance a avenida Beira-Rio e dirija despreocupada por seu asfalto impecável, livre de veículos no sentido centro-bairro. Percorrerá pela primeira vez toda a beira urbana do Rio Guaíba, encantando-se com a abundância de árvores e a quietude da Assunção. Atravessará a Tristeza atenta às pessoas que transitam nas calçadas, um sujeito que quase se mata pra conseguir atravessar a rua, uma menina que passeia com um cachorro, um casal de

namorados adolescentes do qual sentirá inveja, uma extensa fila na porta de um banco. Chegará ao calçadão de Ipanema como se este fosse o objetivo premeditado de seu desvio, e estacionará o carro. Caminhará sossegada pela calçada, observando as águas encrespadas do Guaíba que, embora sujas e levemente fétidas, inspirarão nela a tranqüilidade que sempre provocam no espírito as vastas extensões de água. Notará as pessoas que exercitam-se escutando walkman, as pequenas matilhas de cachorros de rua, a luz morna e plácida das dez horas da manhã que desenha sombras alongadas no chão adiante de si. Sentará, depois de alguns minutos de caminhada, na mesinha Coca-Cola de um boteco solitário construído quase sobre a areia, ocupado apenas pelo dono e por um vira-latas adormecido no chão, e pedirá uma cerveja. Tomará um gole demorado e então, só então, será assaltada pela consciência de seu desatino, e questionará as razões de sua atitude - o que eu estou fazendo aqui? Como exatamente cometi a imprudência de ignorar o hospital e vir parar do outro lado da cidade?, se bem que esta é a primeira vez que me sinto fazendo algo extraordinário em muito tempo, e o que acontece comigo que invejo o destino de todas as outras pessoas? Porque estou enjoada de minha própria vida, é isso, fiz escolhas cedo demais, e hoje estou cansada, queria mudar, até mesmo este vira-latas diante de mim, ele me parece mais feliz, mais correto do que eu, esparramado debaixo do sol, a vida dele tem muito mais sentido, porque é mais simples, e pequenos momentos como este em que exercito minha liberdade, estes momentos são regra na vida deste ca-

chorro, e são exceção na minha, não era pra ser assim, não era... mas o que posso fazer?, vou ter sonhos de liberdade aqui nesta mesa de bar e logo logo vão retornar as vozes das minhas responsabilidades, o peso de todas as coisas em que me tornei e das quais não posso simplesmente fugir, e empurrada por este peso vou entrar de volta no meu carro, dirigir pro hospital, atender os pacientes e fazer com que tudo volte ao normal, nada desta sensação de liberdade restará até minha próxima fuga imprevista das coisas – e assim ela fará: pagará a cerveja, retornará ao carro, e dirigirá de volta à zona norte por um caminho diferente, o caminho de sempre.

# triângulo

## 1. A MULHER DA MINHA VIDA

Sempre fui feliz ao lado de Helena. Desde que a conheci, faz uns três anos, na festa de uma amiga dela. Naquele primeiro dia já trepamos. Ha haha foi muito maluco aquilo tudo. Uma dúzia de pessoas completamente drogadas e bêbadas, e de repente eu vi ela, linda, ensandecida, escorada na parede com uma long neck na mão, ficamos nos encarando, ela era linda, começou a chupar a long neck como se fosse um caralho. *Olhando pra mim*. Me apaixonei na hora. Foi nossa primeira noite, faz três anos.

Quando digo que sempre fomos felizes, falo principalmente de sexo. Sim, porque fora desse aspecto a gente nem se via muito. Dormíamos no mesmo apartamento de um quarto no centro da cidade, mas era só. Ela tinha a vida dela, eu a minha. Ela tinha os trabalhinhos dela numa empresa de design, webdesign essas coisas, aquelas agências moderninhas cheias de bichas, ela era boa naquilo, mexia com computadores e ganhava uma boa grana. Fazia ainda algumas cadeiras de alguma faculdade de Publicidade. Eu estudava Filosofia e não tinha a menor idéia do que faria da minha vida, o que era formidável. Mas o fato é que meu negócio com He-

lena era foder, a gente era feliz, não que fôssemos infelizes no resto das coisas, mas é que simplesmente *não havia o resto das coisas*. Ela tinha a vida dela, eu a minha.

As pessoas sempre falaram muito da gente. Éramos um casal muito bonito, sem dúvida. Isso causava inveja de alguns. Mas nós nunca nos importamos de dividir nossa cama com outros. Quer dizer, outras. Outras mulheres passaram por nossa cama, por nossos tapetes, banheiras e paredes. Helena adorava ter outras mulheres entre nossos lençóis, sobre nosso colchão, entre suas pernas, e eu, obviamente, não me importava nem um pouco. Melhor que uma mulher na cama só duas. Uma delas era Cris, uma pequenina e gostosa estudante de Oceanologia que um dia eu acabei levando para o nosso apê. Helena adorava esta Cristiane pois sua pele era como se feita exclusivamente de pontos erógenos e, além disso, ela tinha orgasmos intermináveis que chegavam a dar medo. Helena divertia-se e ficava fascinada com aquela garota, que desfazia-se em contorções eternas enquanto ela enfiava o punho em seu ventre e eu atacava com gula infantil os seus peitos.

Mas um dia outra pessoa apareceu para substituir a diminuta e elétrica Cristiane como terceiro elemento de nossas transas. Isso foi três anos depois que conheci Helena, e foi também numa festinha pirada e desvairada que acontecia no apartamento de um amigo. Todo mundo tava chapado de todas as maneiras, e fomos pra cama nós três, eu, Helena e esse tal de Deonísio.

Mesmo com muito álcool na cabeça, protestei inicial-

mente contra o desejo de Helena de termos um homem conosco na cama. Eu nunca tinha sequer considerado essa possibilidade. Minha opção sexual sempre foi convicta e inquestionável, eu gosto de buceta. Mas ela insistiu, e pra me convencer bastou ela boquetear a garrafinha de long neck com aquele olhar implorante fixo no meu... bom, quando acabei cedendo o cara já tava pelado mesmo. Então trepamos, os três.

Como foi?

Vou resumir. Eu gostei.

É isso mesmo.

Eu deitei com um homem na minha cama. Abracei um homem. Beije um homem. E putaquepariu, eu gostei. Helena adorou aquela experiência, no dia seguinte estava eufórica e afoita, me beijava com histeria e bebia sua cerveja boqueteando a garrafa, tudo estava como sempre. Quis dizer pra ela que pra mim não foi bem assim. Tive medo. Até então existiam limites teóricos para toda a nossa libertinagem, mas eles ruíram. Minhas convicções sexuais ruíram, certezas que me acompanharam por anos sucumbiram a esse desejo inédito, revelado por esse sujeito, Deonísio, que resolveu se enfiar assim entre nós, que diabos, mas o que é pior, o desastroso desta história foi que eu gostei dessa merda toda.

Como eu disse, Helena adorou aquela foda e convidou esse cara pra aparecer quando quisesse no nosso apartamento. Torci pra que ele não viesse, mas ele veio. Um sujeito inteligente, engraçado, descontraído, desinibido. Tomamos vinho, tequila, martini, falamos de nossas vidas, fumamos maconha,

fizemos massagem um no outro, jantamos bolacha recheada e tomamos algumas cervejas pra lavar o estômago. E é claro que acabamos trepando os três novamente. Helena queria, Deonísio queria, e eu? Eu aceitava.

Mas com o tempo eu parei de aceitar. Passei a *desejar*. Eu *gostava* de chupar o pau dele. *Gostava* de abraçar suas costelas, sentir seu cheiro. A língua dele é tão boa quanto a de Helena, se não melhor. Então era isso, eu estava desejando um homem. Eu sentia vergonha ao transformar meu comportamento sexual de maneira tão abrupta. As pessoas aceitavam e admiravam a uma distância segura as relações que eu e Helena tínhamos com outras mulheres, mas agora era diferente, lançavam a nós olhares inquisidores, ressabiados, que indagavam com surpresa: “Quem diria hein, com um homem?”. Eu já não entendia mais nada. Mas como nunca fomos, nem eu nem Helena, do tipo de gente que se preocupa com o que os outros pensam da gente, o Deonísio aparecia às vezes em nosso apartamento, dormia por lá, circulava comigo ou com Helena pelas ruas. E eu fui gostando cada vez mais.

Um dia sentamos eu e ele pra tomar umas cevas num boteco de esquina e tivemos uma conversa séria. Ele disse que estava apaixonado por mim. Eu disse que era doloroso pra caralho alguém como eu, para quem sexo foi sinônimo de mulher por muitos anos, admitir uma coisa dessas, mas eu também gostava dele. Admiti isso, ele me beijou e fomos embora os dois, embora desta cidade, pra longe de Helena, pra longe das dúvidas e escombros de minhas convicções desmoronadas.

Olhando o campo pela janela do ônibus eu pensava em Helena, em suas mãos habilidosas, sua boca macia e na maneira que ela bebia as malditas garrafas de cerveja me nocauteando de excitação. O que eu sinto por Deonísio é paixão. Helena, contudo, foi e será para sempre a mulher da minha vida.

## 2. O HOMEM DA VIDA DELA

Conheci aquela dupla de malucas numa festa que teve no apartamento de um amigo meu. Na verdade eu já conhecia a Helena de vista há algum tempo, já havia cruzado com ela pelos corredores da faculdade de Publicidade umas tantas vezes, só que nunca tinha visto a sua famosa companheira, a Melissa, mas naquela festa ali estavam as duas juntas, abraçadas, faceiras e embriagadas, e pude verificar aquilo que já me haviam dito: essa Melissa era a mais linda e gostosa representante da raça humana sobre a Terra.

Naquela noite eu contemplava tudo silencioso, com uma lata de cerveja na mão, pensamentos sacanas na cabeça e entregue aos sentimentos de costume. Estava cansado da minha rotina estúpida de estudo e trabalho, cansado do rádio e da televisão, enjoado do meu círculo de amigos e farto das mulheres de quem obtinha nada mais do que concessões de sexo ordinário e rasteiro. Bebia quieto e sozinho, imerso no ar

denso de fumaça e som pesado. Foi deste estado de espírito moribundo que a simples visão daquelas duas mulheres lindas me arrancara naquela noite. Pois o negócio é que ver mulher junto com mulher é uma coisa que me excita, e muito. Elas estavam ali, a poucos metros de mim, bebendo, trocando palavras com outros presentes e se agarrando em carícias e beijos vigorosos e duradouros, e eu observava as duas de pau duro o tempo todo, imaginando situações e planejando atitudes pra saciar meu desejo.

Elas eram um casalzinho conhecido na cidade, não só por serem as duas, além de lésbicas, dolorosamente bonitas, mas também pelo hábito de levarem uma terceira mulher para trepar com elas, isso acontecia muito diziam, mas só mulher, nunca homem. Nunca homem. Será? Será que elas não topariam ir pra cama com um homem? Me ocorreu aquela frase canalha de que é só botar o pau pra fora que elas mudam de idéia. Será que algum já havia perguntado, insistido? Será que uma fêmea tão espetacular como essa Melissa nunca tinha ido pra cama com um cara? Se foi, o que será que esse biltre canalha mau-caráter fez de tão errado para que ela acabasse se refugiando no próprio sexo? Tive vontade de perguntar, e como as coisas se tornam muito mais simples depois que se perde a conta das cervejas, simplesmente me levantei e fui perguntar.

Me aproximei e me apresentei na cara dura. Oi, prazer, sou Deonísio, tu eu conheço de vista, teu nome é Helena, não é? Ela me cumprimenta com um rápido beijo nos lábios e confirma, sim acertou, eu sou a Helena, ela é bonita, cabe-

los loiros e rosto impecável, então boto logo os olhos na outra que sei ser a Melissa mas me faço de louco e pergunto o nome dela, e tu? Melissa ela responde, me concedendo nada mais do que um olhar distante e morno, e agora que posso ver ela de perto meu fascínio cresce beirando o limite perigoso de uma espécie de devoção, ela tem cabelos morenos, olhos vibrantes de um verde aguado, a pele um pouco dourada e a postura firme e orgulhosa.

Não faço de início nenhuma daquelas perguntas que tinha na cabeça, apenas bebemos bastante por cerca de dez minutos numa conversa simpática e regular, mas seria vergonhoso trair minha intenções iniciais, portanto jogo-as na cara delas, crio coragem dizendo a mim mesmo que elas não sabem a falta que eu faço pra elas e proponho uma trepada, nós três, digo que elas me excitam, que elas são o sonho de qualquer homem, imploro pela oportunidade. Elas riem, se olham, se beijam, e devíamos estar realmente muito bêbados os três porque elas topam, Helena diz que sim, que quer, que seria legal, e arrasta eu e a Melissa pro segundo quarto à direita, onde como as duas, uma de cada vez claro, e é interessante observar como elas se preocupam mais uma com a outra e se lambem e se chupam do que comigo, ali ferrado na frente delas, com um puta dum sorriso na cara. E no final das contas ainda recebo de Helena o passaporte da alegria, o endereço do apartamento das duas, mas não deixo de perceber que Melissa, minha nova definição de beleza, recusa meu olhar contrariada, possivelmente arrependida do que acabou de fazer.

Talvez tenha sido impressão minha. Dois dias depois já estava me dirigindo para o tal apartamento, era um fim de tarde chuvoso e melancólico, eu prosseguia a passos largos numa crise de personalidade em meio à qual eu já não sabia se era apenas um fodedor sortudo ou, se pelo contrário, era um intruso desmerecido entre aquelas duas mulheres que, afinal de contas, tinham lá sua relação emocional feliz e duradoura, e em cuja cama eu era sem dúvida um invasor. Mas algo além da promessa de mais uma transa me arrastava em direção àquele apartamento, eu não parava de pensar em Melissa e queria revê-la, portanto prosseguia resoluto e cantava aquela do Lobão “vou chorando pelo caaampo... no meeeeio... do temporal... uouoooo”, com as mãos nos bolsos e suspirando de expectativa.

Elas me receberam com entusiasmo, fiquei aliviado. Ficamos tomando tudo que é tipo de trago, fumando um, comendo bolacha recheada, falamos bastante de nossas vidas, Helena estava bem louquinha como sempre e Melissa, gostosa como só ela debaixo da camiseta e da calça de moletom, parecia aceitar meu olhar mais facilmente do que da outra vez, o que me satisfazia bastante, e as duas me diziam que o negócio delas é mulher mesmo, mas que adoraram aquela noite e que podia rolar de novo uma hora dessas, e rolou.

Mas desta vez foi diferente. Helena ainda era a mesma que eu havia comido dois dias antes, mas a Melissa era outra, parecia mais confortável, me abraçava, oferecia e exigia mais, me olhava nos olhos enquanto me chupava e foi as-

sim, olhando nos olhos dela em plena felação, que me apaixonei irreversivelmente por ela.

Voltei muitas vezes ao apartamento delas, eu ia pra cama com as duas mas só pensava na Melissa durante o dia todo, sonhava com ela quando dormia e, sobretudo, via ela se render cada dia mais à minha presença, ao meu corpo, até que passei a sentir que os quadris dela retesavam, implorando minha invasão, e lá ia eu, fodidamente apaixonado, pra dentro e pra fora do ventre macio, muscular, suplicante.

Um dia, num boteco de esquina, contei pra ela da minha paixão, e ela contou pra mim o que eu no fundo já sabia, que ela estava destrocada por dentro, que sofria fisgadas nas entranhas pois o desejo que ela sentia era profano, inusitado, inédito, que sua sexualidade estava do avesso e isso ardia, mas sim, ela me queria, e o que sentia era amor ou algo do tipo, que veio e ficou, e ela já não podia nem queria lutar contra isso. Então eu seria o primeiro homem da vida da mulher mais bonita do planeta, eu disse, e ela riu, e depois eu soube mais, ela me contou histórias de infância, a felicidade vivida em todos esses anos durante os quais o homossexualismo lhe parecia uma escolha óbvia, falou da faculdade de Filosofia e de sua aversão a planos pro futuro. Nisso eu sugeri que viajássemos, pegássemos um ônibus prum lugar qualquer e ela topou.

De vez em quando ela me diz que pensa em Helena, que ainda ama ela, e eu sempre repito que isso não me incomoda, ela pode pensar na Helena se quiser, o que eu quero é ser o homem da vida dela.

# subconsciente

Virei a esquina e avistei a praça. O som da multidão reverberava entre os prédios, abafando a música poplaresca tocada por um carro de som de uma rádio FM. Uma dúzia de longas filas de rapazes ocupavam o centro da praça. Ao redor destas filas, havia um cinturão de barraquinhas que vendiam cerveja e lanches. Observei os homens e rapazes: alguns deles tinham grandes manchas de sangue entre as pernas. Fui descendo a rua, em direção ao centro da praça. Passei por grupinhos de meninas eufóricas, que me fitavam com desafio e olhos curiosos. Famílias passeavam, com pais tomando cerveja e carregando filhos na garupa.

Me deu vontade de mijar. Provavelmente por causa do nervosismo. Uma última mijada, então. Fui na calçada mesmo, atrás de um carro. Quando terminei, tremi e o ar me faltou na garganta, pois percebi que a essa altura só me restava enfrentar o medo. Como acabar com uma namorada, virar as costas e dar o primeiro passo.

Escolhi a fila mais longa. Os homens e rapazes alinhavam-se com cuidado, mas riam e conversavam alegremente com os outros ao seu redor. Sequei minhas mãos úmidas esfregando-as dentro dos bolsos. A fila andava mais rápido do que eu gostaria. Olhei por cima da cabeça do cara na minha frente. Faltavam uns vinte pra chegar a minha vez. Me deu

vontade de sair correndo dali, mas eu sabia que era inútil. Além de tudo, era covardia. Eu sou um cagalhão.

— Ei!

Olhei pro lado, era um sujeito do meu colégio antigo.

— Oi – respondi, apático. Ele estava saltitante.

— E então, ansioso pra chegar a tua vez?

— Que nada. Na real, estou morto de medo.

— Ih, fica frio, não dói nada. É rapidinho.

— Pode até não doer, mas é foda. E o sangue?

— Não te preocupa. A hemorragia cessa a tempo, não tem perigo. É tudo calculado. Meu irmão fez ano passado, e disse que não dá nada, só uma fraqueza. Ah, é claro, dói por uns dias, mas depois passa. Nenhum drama.

Faltavam uns cinco antes de mim. Já dava pra ouvir o som dos alicates. Como os outros podiam estar tão radiantes, empolgados? Algumas garotas ficavam em volta, rondando e observando o trabalho dos cortadores, dando risadinhas e fazendo comentários bem-humorados. Os garotos respondiam com tiradas espertalhonas, e cutucavam-se. Cheguei perto o suficiente pra acompanhar tudo: um rapaz deu um passo à frente e, alegre, levantou a camiseta e abaixou a bermuda, oferecendo o pênis ao sujeito vestido de branco. Este posicionou o enorme alicate, tipo aqueles de jardinagem, e com um movimento rápido decepou o pau, que caiu sobre um recipiente no chão, acumulando-se junto a dezenas de outros. Como se soprado de um canudinho, um fio de sangue desceu em cascata do púbis do rapaz, que apenas estancou o local levemente com um pano e depois vestiu a bermu-

da. Cumprimentou entusiasticamente dois amigos que estavam na fila atrás de si e desfilou embora, cheio de trejeitos orgulhosos. Faltavam dois pra chegar a minha vez.

Chegou a minha vez. Eu tremia, mas fiz um grande esforço para agir naturalmente. Diante de mim, o cortador exibiu seu alicate de lâminas ensangüentadas. Posicionei-me diante dele, com o recipiente repleto de pênis decepados aos meus pés. Dei uma respirada profunda, daquelas que lavam os alvéolos. Era inevitável. Eu já estava ali. Eu era o único com medo. O único com frescuras. Foda-se.

Botei o pau pra fora. O cara encostou o alicate e fechou. O som e a sensação foram semelhantes ao de um palmito sendo cortado. Sem olhar uma única vez pra baixo, levantei de volta as calças e saí, caminhado rapidamente. Demorei pra sentir alguma coisa. Olhei pra minha calça, estava limpa. Primeiro veio um latejamento, algo como uma dormência. Olhei de novo pra calça: uma mancha cor de vinho espalhava-se pelo tecido, crescendo diante dos meus olhos. Senti fios de sangue descendo as pernas. Caminhei para o lado de fora da praça. Duas garotas olharam pra mim, riram e fizeram um comentário que não consegui escutar. A sensibilidade foi aumentando. Já podia sentir o tecido da calça roçando contra o meu toco sanguinolento no meio das pernas. O suor escorria no meu rosto, pescoço, braços. Uma tontura vinha aos poucos. Percebi que, dali a alguns segundos, eu iria desmaiar.

# a escrava branca

Decidi que o que o que eu precisava era de uma escrava branca. Botei um anúncio no jornal:

PROCURA-SE: ESCRAVA BRANCA. Mulher jovem, muito bonita, interessada em obter moradia, conforto e sustento geral em troca de presença permanente em casa e favores sexuais irrestritos. Magra, levemente fornida, e com uma excelente coluna vertebral. Nível cultural mediano ou elevado. Dotes culinários e musicais serão altamente apreciados. Período de avaliação de 6 meses, possível estendimento para contrato permanente. Interessadas mandar e-mail com foto e descrição pessoal para...

Passaram três dias e comecei a suspeitar que ia precisar pagar um segundo anúncio na semana seguinte. Mas no quarto dia recebi um e-mail. Elise, vinte anos. Mandou uma foto de corpo inteiro. Tinha cabelos compridos, castanhos, pouco ondulados. Nariz expressivo e olhos fundos, azul-esverdeados. Lábios de grossura média, com um lindo desenho. Aparentemente bons peitos, bunda, e coluna. Mas fotos são traiçoeiras, podem enganar. Segundo grau completo, um semestre de Jornalismo. Hm.

Entrei em contato e marquei entrevista pra manhã seguinte. Ela apareceu dez minutos adiantada. Tinha a minha altura e maneiras muito cordiais. Fiz minha explanação.

— É o seguinte, Elise: tu mora aqui comigo. Vai ter um quarto só pra ti, muito embora possamos prever que vai passar mais tempo no meu quarto. Vai ter roupas, comida, cama, televisão e internet com moderação, além de uma vasta biblioteca com a qual se ocupar. Em troca, quero ser servido. Se eu quiser um boquete, tu faz um boquete. Se eu quiser uma xícara de café, tu me traz um café. Se eu quiser uma massagem nas bolas, tu me faz uma massagem nas bolas. Esse tipo de coisa que escravas brancas fazem. Não pretendo abusar. Vou estar mais presente à noite e nos fins-de-semana. Não tem obrigação de servir meus amigos nem nada assim. Sou o patrão exclusivo. Quando estou ausente, a casa é sua. Vou providenciar todo o conforto possível, pra mim e pra ti também. Respeitando, é claro, a devida hierarquia. Eu mando, tu obedece.

Ela somente acenou a cabeça, positivamente. De perto, ela era mesmo mais bonita do que na foto que mandou anexado ao e-mail. Pedi pra ela tirar a roupa pra eu dar uma conferida. Ela tirou, sem nenhuma vergonha visível. Era deslumbrante. Magra mas recheada nos pontos ideais, espáduas vigorosas, ombros elevados, boa proporção de tronco e membros. E eu nunca tinha visto uma lombar tão bem articulada, com curvatura e composição muscular impecáveis.

Negócio fechado. Ela deu um sorrisinho bem de canto e começou a fazer algumas perguntas práticas, tipo quando se mudar, onde ela ia ficar etc. Expliquei tudo.

Elise nasceu para ser uma escrava branca. Tinha a dose certa de iniciativa, em poucos dias estava muito bem familiarizada com as minhas preferências e sabia fazer um ótimo

café. Mandei instalar uma banheira em casa. Pedi que ela sempre me esperasse dentro da banheira quente, à noite, quando eu chegava em casa do trabalho. Eu me jogava ali e ficava uma meia hora descarregando as tensões do dia. Elise me dava um banho e deixava-se abraçar dentro d'água. Era tudo que eu precisava depois de oito horas sentado na frente de um computador, forçando as costas numa cadeira bagaceira e respirando o ar viciado do ar-condicionado central da empresa. Eu jantava e lia na cama, com ela do meu lado, fazendo toda sorte de pequenos favores, como trocar a fita no videocassete ou botar colheradas de comida na minha boca. Eu gostava de colocar ela debaixo das cobertas comigo, sentir sua pele extraordinariamente macia e seu hálito no meu pescoço. Quanto ao sexo, eu gostava principalmente por trás, onde tinha uma vista de sua coluna vertebral primorosa e da televisão ao mesmo tempo. Ela também parecia gostar da televisão na hora do sexo. Eu gosto, não pelos programas ou pelo som, mas pela luz. Meu ambiente predileto para fornicar sempre foi um quarto iluminado pela luz de um aparelho de tv. Ela soube captar isso sem que eu nunca precisasse dizer. E soube também compreender que nada me faz mais feliz do que uma boa chupada. Nisso aprendeu a tomar iniciativas. Certos dias acordei com ela escorregando pra baixo do meu cobertor, numa inesperada felação matinal.

Mas às vezes ela tinha os momentos dela. Ficava introspectiva e executava suas funções com certa má-vontade. Eu nunca a censurei nesses períodos. Ela era normalmente tão atenciosa, conveniente e solícita que me sentia na obriga-

ção de concedê-la prazos de reclusão e independência. Nessas ocasiões ela ficava no quarto dela, fechada, escutando música e, principalmente, lendo. Pelo combinado, eu poderia exigir que ela saísse do quarto e viesse me bolinar ou algo assim, mas eu nunca usei meus direitos para interferir em seus momentos privados. Ela parecia perceber isso, ficava grata, o que se traduzia numa devoção cada dia mais espontânea.

Três meses com a Elise foram suficientes pra me animar e revigorar de tal modo que meus colegas de trabalho, familiares e amigos passaram a estranhar minha disposição. Quando eu dizia pra eles que era tudo por causa da escrava, recusavam-se a acreditar. O que é compreensível. Em geral, relações com escravas brancas começam bem mas tornam-se rapidamente problemáticas. Algumas são submissas demais, ou incompetentes, ou abusam de seus privilégios. As escravas brancas estão desacreditadas em nosso tempo. Mas posso dizer pros meus amigos que dei sorte. A Elise é uma escrava branca perfeita. Como se não bastasse todo o seu talento em me causar prazer, ela é uma pessoa silenciosa e discreta por natureza, e gosta de ler.

Várias vezes entrei no meu quarto e peguei ela lendo algum dos meus livros. Ela não gosta de poesia. Gosta de contos e romances. Adorou os *Contos Completos* do Sérgio Faraco, e uma pequena antologia do Tchekov. Uma tarde ela veio perplexa até a cozinha, onde eu lia um jornal. Trazia o Tchekov na mão.

— Tu leu esse conto do soldado que recebe um beijo numa sala escura da mansão?

— Li.

— Por que ele não procura a mulher que ele beijou, quando passa de novo na frente da casa?

— Boa pergunta. Por que tu acha?

— Não sei. Por um lado é uma atitude compreensível, depois de toda aquela reflexão que ele faz no campo de batalha e tal... mas por outro lado... não parece certo. Ele devia ter ido. Eu acho que eu teria ido procurar a mulher.

— É um bom questionamento – retruquei. A perplexidade dela era uma coisa linda de se ver. Testemunhar um conto de Tchekov surtindo seu efeito numa escrava branca deve ser algo muito raro de acontecer. Ela estava compreendendo o conto. — A resposta não está no texto, Elise, está em cada leitor.

— Hm — ela arfou, e voltou pro quarto.

Os seis meses estavam completos, e fui conversar com Elise para avaliarmos nossa experiência. Estávamos ambos muito satisfeitos, e resolvemos consolidar nossa relação por tempo indeterminado. Ela não tinha reclamações. Perguntei se ela sentia muita falta de poder sair pra rua, ir no cinema, visitar pessoas ou coisas assim. Pra minha surpresa, ela respondeu que não. Não tinha interesse em cinemas. A televisão, os vídeos e os livros eram suficientes. Eram tantos livros naquela estante!

Por mais esquisito que seja, esta resposta negativa me decepcionou. De certa forma eu queria que ela tivesse ambições extra-escravidão. Eu queria levá-la ao cinema, apresentá-la aos meus amigos, levá-la a um motel, sei lá. Eu já não

conseguia vê-la como uma escrava. Escravos são objetos. Ela era mais do que um objeto. Eu estimava ela. Além do sexo e do café e dos banhos, eu queria saber o que ela estava sentindo, no que pensava quando resolvia se trancar sozinha no quarto, o que fazia enquanto eu estava no serviço.

Mas ela não queria saber de nada disso. O esquema de servidão lhe agradava muito. Queria mesmo era ficar em casa, me satisfazendo, tendo uma vida sossegada, lendo os intermináveis livros da minha estante.

Chegaram as férias de inverno. Tudo que eu tive dinheiro pra fazer foi alugar uma cabana numa cidade da serra, pra nós dois. Elise ficou um pouco confusa com essa história de viagem. Isso excedia um pouco o que ela entendia como um regime de escravidão. Ela veio comigo sem questionar, mas seu comportamento durante todo o tempo foi o mesmo. Adorável submissão. E isso me desanimava cada dia mais. Mas o que eu queria? Que fôssemos juntos ao shopping? Que ela ajudasse na decoração da casa? Que ela tirasse uma carteira de motorista e fizesse as compras todo sábado? Que tivéssemos filhos? Ela não queria nada disso: carro, motéis, festas, roupas, compras, empregos, crianças. Queria só ter casa, cama, comida e livros pra ler em troca de sua presença, de sua atenciosidade, de seu corpo. Estava muito bom pra ela. Ser como uma parte da casa, uma mulher de estimação. Eu não gostava mais de vê-la como uma posse, uma parte da casa. Agora eu queria que ela fosse uma parte da minha vida. Chorei uma noite inteira depois deste pensamento. Eu estava amando.

Não era uma boa idéia. Mas aconteceu. Eu precisava falar sobre isso com Elise. Podíamos cancelar o esquema atual e tentar uma relação nova, igualitária. Só que eu não conseguia tocar no assunto, com medo de ser rejeitado. Meu convívio com ela tornou-se uma sucessão infernal de tentativas frustradas de declaração. E já me causavam desgosto nossas relações sexuais unilaterais, baseadas na satisfação dos meus desejos apenas.

Certa manhã, encontrei Elise dormindo no sofá da sala, com a televisão ligada num volume próximo do inaudível. Acho que ela tinha pegado no sono de madrugada. Estava de calcinha e camiseta, mal-enrolada num cobertor de lã vermelha que roubei de um avião da Varig. Tive uma vontade irresistível de me aproximar e despertá-la com carícias minuciosas. Arranhei de leve uma de suas coxas, e ela miou. Fui adiante, com lentidão. Meia hora depois ela gozou. Ficamos abraçados no sofá, escutando nossa respiração e ruídos de um desenho do Tom & Jerry. Elise estava emburrada com alguma coisa, e ficou evitando meu olhar. Levantou e saiu da sala com o pretexto de passar um café. A razão da birra dela era evidente: havíamos quebrado o protocolo. Nesta manhã, eu acabava de entregar o jogo. Estava envolvido pela minha escrava, e ela não estava gostando nem um pouco disso.

Decidi me conter. Agora ela já estava consciente dos meus sentimentos, e achei melhor deixar as coisas amadurecerem sozinhas, pro bem ou pro mal. Tentar impôr uma relação amorosa seria um erro, ela certamente recuaria assustada e me abandonaria no ato. Continuei requisitando favores do-

mésticos e sexuais, ainda que tratar aquela mulher como um objeto já fosse uma tarefa bastante penosa pra mim. Nosso envolvimento pessoal permaneceu ao redor dos livros, através de sugestões, trocas de impressões, pequenos debates que me estimulavam muito e ajudavam a tirar minha atenção da Elise em si, a mulher, a criatura pela qual eu estava apaixonado.

Até que cheguei um dia em casa e ela veio:

— Tu tinha razão. Hilda Hilst é lindo mesmo. Tem mais algum dela?

Me declarei. Pedi Elise em namoro, depois em casamento. Fiz promessas ridículas de felicidade, fidelidade e outras coisas. Ela só me olhou de cima, decepcionada, e balançou a cabeça.

— Tu tá levando as coisas prum lado que não me agrada — resmungou. O que eu podia dizer? Era verdade. Franzi as sombrancelhas e fiz cara de cachorro pidão. Era patético. — Relações sentimentais não eram parte do acordo. Certo?

Certíssimo. Mas. Mas é que.

— Assim não funciona. Eu não quero. Acho que melhor acabar com tudo antes que piore.

Ela se despediu com um beijo na minha testa, na tarde seguinte. E antes de sair juntou o Tchekov da prateleira. Fingi que não reparei.

# manual para atropelar cachorros

Ontem eu saí dirigindo sozinho pela rua e resolvi atropelar cachorros. É fácil encontrá-los, principalmente na Zona Sul. Muitos dormem no meio das ruas mais calmas, estão acostumados com os carros, sabem que todos desviam. Consegui atropelar cinco cachorros. Senti o solavanco da roda passando em cima de seus corpos, o encontro de uma cabeça com o pára-choque. Não tenho nada contra eles, mas eu estava meio bêbado e queria fazer algo malvado. Dois morreram na hora, e outros três saíram correndo em círculos, latindo muito, até caírem mancando no chão, ganindo um pouco, ou não, e então morreram. Dirigi muito atrás dos cães. No meio da madrugada eu parei num posto Esso pra comprar uma cerveja. Tinha Brahma por 85 centavos, comprei duas. Há muitos cães vadios nas vizinhanças residenciais de Ipanema, e na Avenida Juca Batista.

Desde que comecei a trabalhar, tenho andado muito tenso. Meu ombro direito está petrificado e dolorido, cheio de nódulos duros no músculo, é por causa da posição do meu braço para segurar o mouse. Nove horas por dia. Dá uma tensão dos diabos. Lá no serviço tem ginástica laboral, uma professora vem todo dia nos passar uns alongamentos e exercíciuzinhos. Não adianta muito. Estou com os dedos duros, e o ombro direito realmente lesionado, dificulta o ato de dirigir um carro inclusive.

Fui procurar mais cachorros. Pior é que eu adoro cachorros, eu tenho três beagles lindos, vivem presos no pátio há mais de dez anos. São exímios caçadores. Pena que viveram toda a vida num pátio. Se fossem soltos na rua, morriam rapidamente, de fome ou atropelados, ou atacados por outros cães. Por isso eles estão lá no pátio, e vão ficar lá pra sempre, até morrerem entediados, de velhice, ou de alguma doença doméstica para a qual esquecemos de dar vacina.

Há duas semanas não faço nada no trabalho. No início eu gostava, podia ficar navegando na internet e baixando músicas no Napster, mas agora o setor da tecnologia instalou um firewall e fudeu tudo. Aí eu fiquei conhecendo sites, mas tenho a impressão que já conheci todos. Tenho estado realmente entediado no trabalho, e isso me força a ficar pensando nas coisas que eu podia estar fazendo ao invés de estar num prédio do centro desenvolvendo tendinite e respirando ar condicionado central. Isso não é bom. Fico pensando em viajar. Pra viajar preciso de dinheiro, pra conseguir dinheiro trabalho, mas se trabalho não posso viajar.

Já tentei atropelar gatos, mas eles são mais rápidos e menos inocentes que cães. Consegui atropelar um gato na noite passada, preto. Foi muito mais regozijante do que acertar um cachorro, porque gosto de cachorros, mas odeio gatos. São criaturas extremamente irritantes. Quando eu era criança, eu e meus amigos odiávamos gatos, mas me lembro que qualquer criança gostava de cachorros. Apenas algumas meninas gostam de gatos, mas nem são todas. Odeio gatos tanto quanto aqueles cachorros pequenos, que parecem ratos, e os

poodles, principalmente os pequeninhos, ou aqueles com o pelo esculpido. Eu li que em junho um sujeito lá nos Estados Unidos espancou seu cachorro até a morte porque o flagrou tentando montar no outro cachorro da casa. O cara matou o cachorro porque o cachorro era gay. Mais tarde foi denunciado pela esposa, que já queria o divórcio há muito tempo de qualquer maneira, e foi condenado a um ano de prisão por assassinar o próprio animal de estimação. Eram dois poodles. Dois poodles boiolas. Na verdade, eles não eram boiolas, só estou brincando, todos sabem – principalmente os veterinários – que os cães machos às vezes montam em cima dos outros para afirmar sua superioridade. É como patolar no futebol, ou lutar jiu-jitsu. Nada como um pouco de homoerotismo pra se mostrar que tem culhão. Enfim, o cara esse foi preso por matar seu cão gay, e aposto que os seus companheiros de cela na prisão vão ter coisas interessantes a lhe ensinar a respeito da homofobia.

Na faculdade, eu conheci uma guria que entrou semestre passado, acho. Bem legal ela, mas ela começou com aquela fatídica série de perguntas feitas por meninas mais jovens que fazem a mesma faculdade que tu. Tá gostando do curso? Não. Por que? Porque o curso é uma merda, a Publicidade é uma merda, e porque o diploma de Publicidade e Propaganda é mais patético do que um bife de soja. Mas por que tu faz Publicidade então? Porque eu era um cara de dezessete anos que gostava de desenhar, ver filmes e escrever, e ainda ficava impressionado com nomes de cadeiras como “Laboratório de Computação Gráfica”, “Edição de Vídeo e Cinema”, “Cri-

ação Publicitária”, e depois de uma rápida desilusão, acabei permanecendo no curso porque me pareceu uma maneira descomplicada de conseguir uma diploma. Mas tu tá trabalhando com Publicidade, né, por que? Porque a gente tem que trabalhar em alguma coisa, não tem jeito, precisa-se de dinheiro e todo trabalho é a mesma coisa, já aprendi a separar o trabalho remunerado da vida de fato, daquilo que se faz em casa uma hora antes de dormir, ou do que fazemos em nosso curto tempo livre, isso é o que importa, e no meu tempo livre eu escrevo, vejo uns filmes, leio, bebo e durmo. Aí eu percebi que ela não tava gostando nem um pouco do que eu tava dizendo, e eu abri um sorriso e desmenti tudo, calma, eu tava brincando, hehe, Publicidade é o canal, as aulas podem ser meio vazias às vezes mas logo logo tu consegue um estágio legal, seja em tv, rádio, assessoria de imprensa, agência de publicidade, estúdio de design, e sem dúvida tu vai achar o trabalho “simplesmente o máximo”, afinal vai estar aprendendo coisas que a faculdade nunca vai te ensinar, como operar um computador, virar noites e fins-de-semana em troca de uma ridícula bolsa-auxílio, essas coisas. Na verdade, eu só falei até o “simplesmente o máximo”, depois me calei e pensei comigo mesmo.

Na minha rua tem um cachorro caolho. Ele é caolho porque uma vez um amigo meu tocou um tijolo na cara do cachorro, que milagrosamente sobreviveu, depois de ficar com a cabeça semi-putrefata por uns dois meses. Era horrível olhar aquele cachorro quase morrendo toda vez que eu subia a rua. Mas ele se recuperou e agora anda por aí, caolho. Os

outros cachorros não mexem com ele, provavelmente pelo fato dele ser caolho, o que suscita compaixão e todos sabem que a compaixão é um dos sentimentos cultivados pelos cães em geral. Resolvi atropelar esse cachorro. Ele sempre dorme no meio da rua, porque todos têm pena dele e não são capazes de lhe fazer nenhum mal, e ele sabe disso. Resolvi atropelar esse cachorro.

Quando eu tinha treze anos, passei na frente de uma puta numa rua fuleira do centro. Eu nem tinha visto ela parada ali. Quando eu passei ela pegou meu braço e disse vamos fazer não sei o quê, e eu me esquivei e disse que não queria fazer porra nenhuma, aí ela me mandou à merda e perguntou se eu tava com medo. Mulherzinha asquerosa, saí andando rápido. É claro que eu tava com medo, que que ela tava pensando? Quando virei a esquina, um cachorro veio pra cima de mim latindo, tentando me morder, cachorro filho da puta, e pela primeira e última vez eu fiz mal a um cachorro, eu chutei aquele cachorro, pra ele parar de latir. Ele voou uns dois metros e parou, mesmo. Hoje o prédio da empresa em que trabalho fica a três quadras daquela esquina, eu já passei ali várias vezes e não há nem putas nem cachorros. E eu não tenho mais medo de nada.

Subi a rua com as lanternas ligadas e vi o cachorro caolho no meio da rua, parado, parecia um boi. Acelerei, ele nem se deu ao trabalho de sair. As duas latas de cerveja fizeram alguma diferença no meu estômago vazio, e errei o cachorro, peguei ele de lado, e ele saiu correndo desesperado, meio que se arrastando, mas sem emitir um único som, pare-

cia até mesmo estar sorrindo. Deu uma voltas e diminuiu a velocidade, até quase parar, e então começou a ganir. Mexia apenas as patas da frente. Fiquei com pena, me arrependi profundamente de ter tentado atropelar o cachorro caolho. Parei o carro e desci. Cheguei perto, ele estava com as pernas traseiras esmagadas. Tirei minha blusa de lã e recolhi o cão. Coloquei-o no banco do passageiro e saí na direção de uma clínica veterinária que eu conheço ali no Nonoai que tem plantão 24 horas. Ele ficava ganindo em intervalos regulares, mas sem muito estardalhaço, ensangüentando todo o banco do meu carro, um Ford Fiesta que devia fazer quinze quilômetros por litro mas tem feito apenas onze. Cheguei no veterinário e toquei a campainha, com o cachorro no colo, abriu uma mulher baixinha, bem jovem, olhou pro cachorro, saiu apressada, voltou e me levou prum consultório anexo à casa. Botou o cachorro na mesa e começou a fazer o trabalho dela. Perguntou se fui eu que atropelei, respondi que não, um outro carro passou por cima e fugiu, eu vi, devia tar bêbado o desgraçado. Ela fez um comentário sobre cachorros atropelados e começou a chorar, enquanto tentava salvar o cachorro caolho. Pensei comigo mesmo que veterinários não devem chorar, ela devia ter visto coisa muito pior que isso, animais eviscerados, deve ter esterilizado dezenas de cadelas, passado pomadas pegajosas em horrendas doenças de pele. Médicos e veterinários não devem chorar, eles vêem cada coisa e precisam se acostumar, é o trabalho deles. Um amigo meu que estudava Medicina uma vez saiu de uma festa embriagado às seis da manhã, com pressa. Perguntei onde ele ia e ele res-

pondeu rindo que precisava ir correndo pro Hospital de Pronto-Socorro costurar uns bêbados. Vários amigos meus já precisaram ser costurados por estagiários de Medicina em finais de madrugada, na orelha, no queixo, no supercílio. E de fato, todos esses meus amigos estavam bêbados. Mas isso não é coisa que um médico diga.

Curioso notar as diferentes formas de morrer, o gradiente completo entre resignação e desespero. No extremo da resignação, pensemos num cachorro morrendo de velho. Ele se recolhe num canto de muro, embaixo de um arbusto, e fica em silêncio, com os olhos tristes, rosnando pra qualquer ser vivo que se aproxime, até que morre, deitadinho. No extremo do desespero, não há como não lembrar de um porco sendo carneado. Porcos sendo carneados berram enlouquecidamente até o último instante possível. É um espetáculo chocante, mas inspirador. Já as ovelhas morrem sempre em silêncio, mesmo que seja na ponta da faca. Morrem com o orgulho que nenhum homem jamais terá no instante da morte. Elefantes morrem de maneira mais racional: vão até os cemitérios de elefante, morrer resignados, mas já no lugar certo, poupando os vivos da imagem de sua morte. Seres humanos morrem de forma mais irracional: vão para um hospital, extrair inúteis e moribundos instantes de vida, multiplicando a dor de todos os envolvidos, nutrindo um pouco mais a angústia de todos nós.

O cachorro caolho morreu nos braços da veterinária. Na manhã seguinte notei sangue no meu pára-choque, e limpei com a mangueira antes de ir pro trabalho, podia pegar mal.

Hoje vou perguntar pro meu chefe quando eu vou ter umas férias, porque quando eu tiver férias eu vou viajar, tomar banho de mar e ler mais livros, isso é necessário pra aliviar as tensões e, creio eu, pra manter a sanidade também.

## alguma psicologia

Era uma garçonne de um café no Nova Olaria. Quarta passada eu convidei ela pra sair, e cá estamos, numa madrugada quente, deitados sobre o capô ainda morno do meu carro, debaixo de umas árvores no calçadão de Ipanema. Eu ainda não tinha perguntado a idade dela, mas chutei uns dezessete.

— Olha lá aqueles galhos dentro d'água, não parecem uns dinossauros?

Parecem. Há quinze minutos atrás, ela me revelou sem hesitação nenhuma que trabalha como garçonne durante a tarde e se prostitui à noite. Disse pra ela que eu não me importava, que não fazia diferença. Menti, é claro. Eu estava chocado. Mesmo assim fiquei ali com ela, fingindo que não havia nada de especial na situação. Havia também o desafio saboroso de estar pisando num solo desconhecido. Uma garota de programa. Sem dúvida uma experiência um pouco menos ortodoxa do que ficar com aquele tipinho comum de universitária puritana. Ainda dentro do carro, ela me fez um boquete.

— Tu tem idéia de quanto vale esse boquete, em média?

Eu ia chutar uns quarenta reais, mas me calei a tempo. Um palpite errado seria desastroso. Respondi que não fazia idéia.

— Cem reais. Pelo menos.

Ela era boa, mas eu nem suspeitava que se pudesse pagar tanto por uma chupada.

Deitados no capô do carro, tentamos falar sobre outras coisas, ela sobre seu emprego de garçonete, eu sobre minha faculdade e minhas viagens de férias, mas logo nos calamos, porque nossas palavras eram todas artificiais. Estava claro que só havia um assunto possível.

— Como foi que tu começou a fazer programas?

— Faz uns dois anos. Eu precisava de dinheiro pra comprar cocaína. Naquela época eu ainda cheirava muito, junto com essa guria com quem dividia o apartamento. A gente trabalhava juntas de garçonete num outro bar aí. Eu tava gastando quase tudo que ganhava em pó. Cheguei a vender umas roupas. Perguntei pra essa minha amiga se ela sabia algum jeito de ganhar dinheiro, e ela me deu o telefone desse cara, um coroa. A gente se encontrou num restaurante, e ele disse que me pagava duzentos reais só pra mim tirar a roupa e deixar que ele brincasse comigo.

— E tu aceitou?

— Antes eu liguei pra minha mãe e perguntei o que ela achava.

— O que ela disse?

— Pra mim aceitar. Era muito dinheiro.

Levantei e fui pegar uma garrafa de vinho que eu tinha trazido no carro. Sentado no banco, eu via os cabelos dela esparados sobre o pára-brisa e os joelhos adolescentes encostados um no outro. Tirei a rolha e fiquei parado por um instante, inseguro. Já não tinha certeza de quão longe eu queria ir nisso.

Ela virou alguns goles de vinho no bico da garrafa e depois disse:

— Sabe, eu não quero fazer programa por muito tempo, não. Só mais uns cinco anos, talvez. Quero juntar dinheiro pra estudar.

— Pretende estudar o quê?

— Psicologia!

— Interessante.

— Pois é. Eu sou boa nisso. Eu li alguns livros já. E pode parecer estúpido, mas todos esses homens que me procuram, eu fico tentando entrar na cabeça deles, entender o que eles querem.

Então ela me contou sobre um cara que pagou quinhentos reais apenas pra passar a noite dormindo com ela, abraçado. E sobre uma série de homens que faziam questão de pagar não em dinheiro, mas em roupas, jantares e jóias, o que segundo ela era uma forma de “fazer a coisa toda parecer um encontro normal, com uma mulher comum, não uma puta, entende?”. E sobre o cara que reclamava que não via sua mulher completamente nua há mais de dez anos.

— As esposas desses caras, todas elas têm vergonha de ficar velhas. E tem os caras que dizem que as esposas não são ousadas o suficiente na cama, ou que simplesmente já não conseguem se excitar com suas mulheres... então eles me procuram. Acredita em mim, a grande maioria dos homens que me procuram são casados. Ou eles querem se sentir jovens, ou querem simplesmente fazer coisas que não têm coragem de pedir a suas mulheres. Ou que elas não têm coragem de dar pra eles.

Ela já nem se importava em me passar o vinho. Tomava goles frenéticos e contava com toda a empolgação do mundo

sobre a vida atormentada de seus clientes milionários, desesperados por causa da velhice, da impotência, da frieza de suas esposas, da futilidade de seus casamentos. Ela estava defendendo diante de mim a sua tese de Doutorado, e eu era uma banca passiva, de paciência inesgotável. O vento começou a esfriar.

— E o que eu fico me perguntando é por que esses caras simplesmente não vão pra casa e falam com suas mulheres? Talvez elas também estejam frustradas, talvez só precisem de uma conversa para que as coisas mudem.

— Pode ser.

Pensei em dizer pra ela que talvez ela estivesse errada. Que talvez esses clientes não estivessem em busca de garotas de programa como ela porque tinham problemas com sua idade ou com suas esposas, e sim porque adoravam uma putaria e tinham grana de sobra pra sustentar sua promiscuidade clandestina. Mas não disse nada. Ela aparentemente se considerava uma salvadora desses homens, alguém que lhes trazia conforto e alívio, alguém para solucionar seus problemas mais secretos. Ao invés do divã, as camas redondas dos hotéis mais caros. Em vez de puta, uma agente social. Mais uma vez, me calei. Questionar essa auto-imagem que ela tinha não seria nada além de cruel. E acima disso tudo, eu podia estar errado.

Enfiei os dedos no seu cabelo, e fiquei massageando a parte de trás de sua cabeça. Ela fechou os olhos e suspirou. Nos braços, manchas pequeninas, que interpretei como cicatrizes antigas de agulhas. Manchas semelhantes também nas

pernas, que escorregavam quase completamente pra fora da saia azul. Havia tomado a garrafa de vinho praticamente sozinha, e continuou falando coisas sobre sua vida, mas agora de maneira mais fragmentada. Uma seqüência atordoante de traumas de infância, abusos sexuais, problemas com drogas, expulsão de colégios, abandonos e mais abandonos, um atrás do outro: o pai morto, a mãe que a odiava, os homens que pagavam centenas de reais pelo seu corpo, mas sempre acabavam sumindo para a Europa ou Caribe, ou casando-se com suas amantes, ou voltando com exclusividade às suas mulheres, ou até mesmo morrendo, de infartos, acidentes de carro, overdoses. Eram coisas que ninguém deveria nem gostaria de saber, coisas que seria ultrajante e desnecessário narrar, e eu só continuei ouvindo porque sabia que ela estava bêbada, que mal lembraria de suas próprias palavras no dia seguinte, e porque eu estava convicto a nunca mais vê-la depois desta noite.

Carreguei-a para dentro do carro e paguei um pernoite num motel barato pra nós dois. Dormimos a noite toda. Na manhã de domingo, larguei-a numa praça do centro, perto do apartamento onde ela morava. Ela tinha dezenove anos, “mas todo mundo sempre dá uns dezesseis”. Ela disse que adorou me conhecer. Respondi que eu também.

— Acredito. Mas a gente não vai se ver de novo. Né?

Pensei em todo tipo de resposta. Me senti à beira da morte. Não havia o que dizer.

Ela sorriu e trocamos um beijo. Desceu, fechou a porta e caminhou através do gramado. Eu liguei o carro e acelerei.

# todas as rosas do balde

A menina vai oferecendo as rosas opacas pelas mesas. Puxa a manga de um rapaz com cuidado, para ser notada, faz cara de choro e pergunta baixinho: “Dá uma rosa pra ela?”. “Não, ela destesta rosas, dá essa banda” responde o rapaz. A garota na mesa não diz nada, mas também não retoma a conversa. Talvez ela quisesse uma rosa, não seria nada mau.

O balde ainda está cheio de flores. As ruas estão abarrotadas de gente, as mesas cheias, mas poucos compram flores, a menina sabe disso. Não estão interessados. As flores percorrem a madrugada no colo da menina, envelhecem e ninguém pretende pagar um real por elas, isso é que é a verdade.

Um próximo bar, muitas mesas na calçada, a menina vai de pessoa em pessoa, já cansada. Então encontra o senhor aquele. Seus pequenos olhos se arregalam e cintilam de satisfação, ele está ali, na mesinha do fundo, a mesma de sempre.

A menina se aproxima, chega do lado do homem. Este abre um sorriso e diz: “Olá menina”. Ela só responde “Quer uma rosa?” por puro hábito. Ela sabe que ele quer uma rosa. Todas as rosas do balde. “Quero todas as rosas!”, diz o homem, com sua voz alta. “Todas do balde!”.

Numa mesa próxima, meia dúzia de jovens bebem sua cerveja, fumam cigarros Camel e comem polenta frita salpicada com queijo ralado. A menina passou nesta mesa há

alguns segundos, e foi rapidamente escorraçada. O rapaz de casaco azul, inclusive, enunciou o seguinte comentário: “Putaquepariu, já não dá pra beber em paz aqui na Cidade Baixa!”. Os outros concordaram, indignados.

Mas agora o mesmo rapaz percebe que o homem da mesinha do fundo, sozinho com sua dose de destilado, vai comprar todas as rosas da menina. O rapaz pensa sobre isso, e chega à conclusão de que comprar uma rosa, de vez em quando, não seria nada mau. Para ajudar a menina. Há até mesmo alguma beleza neste gesto. Uma menina, rosas, por que as tratamos como coisas tão indesejáveis? O rapaz comunica seus pensamentos aos amigos: “Olha ali, gente, o véio aquele tá comprando todas as rosas da guriuzinha. Que afudê”.

“Todas?”, surpreende-se uma das garotas. “Que maluco”.

“Maluco nada”, discorda o rapaz. “É afudê isso. Esse cara tá sempre aí. Deve ter o quê, uns cinquenta anos. Quase todo dia vem aqui tomar sua dose de destilado, fica na mesinha ali do fundo, não fala com ninguém. E assim, do nada, o cara compra todas as rosas da criança. Pô, quando eu for velho eu vou ser assim, vou andar por aí bem chinelo, vou tomar minha ceva todos os dias no mesmo bar, na mesma mesinha. E vou fazer coisas deste tipo, comprar todas as rosas das crianças que aparecerem”.

“É bem coisa tua isso”, diz a garota, olhando de lado para o rapaz.

Enquanto isso, a menina se aproxima mais da mesa do homem, ficando meio de costas pra ele, entre a mesa e a parede. O homem abre bem a mão e agarra a bunda

pequenina da criança. A carne mole enche a mão, e por alguns segundos o homem fica ali, apertando. Com a outra mão, gira os cubos de gelo no copo e bebe mais um gole do destilado. A menina olha para a rua com uma expressão de espera. Já satisfeito, o homem solta a bunda dela, tira algumas notas da carteira e pega todas as rosas do balde. A menina se afasta pela calçada, pra longe dos bares agitados.

Numa parada de ônibus perdida no meio da avenida vazia, Umberto espera. Está sentado sozinho na calçada, com a cabeça apoiada na coluna de metal da placa, bêbado e quase dormindo. O medo de ser assaltado é incentivo pra que ele se mantenha acordado. Há apenas mais uma pessoa na parada, uma mulher baixinha, discreta. Uma criança chega, um menino de uns doze anos, com um balde de rosas. Começa a conversar com a mulher. Logo chegam mais duas crianças, uma menina de uns dez anos e um outro piá, com no máximo cinco. Todos com baldes na mão.

“Vendeu quantas”, pergunta a mulher.

“Vendi nove”, responde o guri maior. “Doze”, canta o pequeno, pra quem o balde, ainda contendo algumas flores, parece enorme e pesado. A mulher toma o balde da mão deles, irritada. “E o resto? Por que não venderam as outras? Ficaram de brincadeira por aí?”

“Vendi vinte e quatro, mãe. Todinhas”, diz a menina, entregando o balde vazio para a mãe. Veste uma blusa de lã rosa, toda furada, uma calça jeans e tênis sem cadarço. Umberto acha a menina bonitinha. Tem cabelos pelo ombro, lisos, esfriados. O rosto um pouco encardido, olhos fun-

dos, um jeitinho maduro demais pra idade.

“Quero os três baldes vazios amanhã”, pragueja a mulher.

Um ônibus aparece na curva lá adiante. Umberto sabe que ainda não é o seu. A mulher faz sinal, entra com as crianças e desaparece. Umberto tem uma vontade enlouecedora de que a menina dê uma olhadinha pra trás ao subir na escada do ônibus, mas isso não acontece.

Umberto vomita na calçada. Só quer chegar em casa.

## tiroteio

Eu tava no bar do Zé comendo uma coxinha de galinha e tomando uma cerveja, nada que eu já não tivesse feito antes. Havia, como de praxe, meia dúzia de pescadores bêbados atirados pelas mesas, uns rindo da cara de outros, outros jogando dominó, um último cambaleando entre as duas mesas de sinuca, coçando o rosto inchado. E meio que do meu lado, a pouco mais de um metro, um outro pescador, maior que todos os outros, mais feio que todos os outros, sacudindo graciosamente um carrinho de bebê dentro do qual havia um bebê. O carrinho era novo, o bebê era branquinho, limpo, sorridente e silencioso. Eu já tinha visto muita coisa estranha no bar do Zé pra me espantar com um carrinho de bebê com um bebê dentro, no meio daquele boteco escuro, velho, ocupado exclusivamente por homens rudes, grotescos, a maioria miseráveis, todos bêbados. Continuei mastigando minha coxinha. Mas a presença do bebê começou, finalmente, a me causar uma certa estranheza, e eu tirei os olhos do balcão para encarar aquele pequeno ser nos olhos. O pai também encarava a criança, com uma expressão bobalhona. Então eu olhei pro sujeito e falei uma coisa que eu nunca imaginaria a mim mesmo falando pra ninguém, muito menos prum pescador bêbado. “Que criança linda”. Ele sorriu e se inclinou pra cima de mim, soltando um bafó alcoolizado e morno no

meio do qual consegui distinguir o nome da menina, que já esqueci. Então ele começou a contar toda a história do nascimento da criança, era a segunda filha dele, a outra tinha cinco anos de idade, nesse tempo todo separando as duas a mulher dele tinha sofrido três abortos naturais, havia ficado doente, ele trabalhou feito um cachorro pra conseguir pagar todos os médicos e hospitais, mas que agora a filha dele tinha finalmente nascido, e que era muito esperta e muito linda e etc, e eu olhei pra ela no carrinho e notei que era mesmo uma das crianças mais lindas que eu já tinha visto. O cara parecia fascinado em ter encontrado alguém pra escutar as coisas que ele tinha pra dizer, e depois de todos os detalhes do nascimento da filha começou a falar do resto da família dele, a mãe dele tinha tido cinco filhos, duas gêmeas e três trigêmeos, ele era um dos três e mais um monte de coisa, e eu comecei então a me sentir realmente desconfortável, a coxinha não terminava nunca, a garrafa de cerveja não tava nem na metade, resolvi que eu queria sair dali mas não tinha como, não tinha coragem de cortar o cara, pedir pra ele parar de falar, e a menina no carrinho olhando pra mim com olhos arregalados, tão bonita e perfeitinha quanto num comercial de sabonete Fofó, o carrinho levemente embalado por aquele ser enorme, tão tosco que eu só compreendia uma em cada três palavras que ele me dizia, mãos grossas com dedos rachados, a pele parecendo folgada por cima dos músculos vigorosos. “Quer ver como ela é forte? Bota o dedo na mãozinha dela pra ver como ela aperta, quero ver tu soltar”, ele me disse, e eu fui lá estiquei o indicador e coloquei na mão da criatura,

ela não ligou muito, ignorou o meu dedo, ficou rindo sozinha, eu já não tava achando graça, eu tava desesperado pra sumir dali, engoli todo o resto da coxinha e comecei a beber a cerveja apressadamente, tirando uns trocos da carteira e ainda escutando o cara contar como a filha mais velha era inteligente, com cinco anos de idade sabia até atender telefone, sabia até tratar visita, assim que eu sequei a garrafa me virei e disse mais uma coisa eu nunca imaginei a mim mesmo dizendo pra ninguém, muito menos prum pescador bêbado, “Feliz Natal e um bom ano novo pro senhor”, do alto da empolgação ele me respondeu algo parecido, sorriu, eu sorri de volta, nervoso, muito nervoso, sem saber o porquê daquele mal-estar, e saí de lá quase correndo, depois corri, como se estivesse fugindo de um tiroteio.

# dafne adormecida

*pra Tainá*

Sacudo a Dafne dizendo Acorda, a gente dormiu, por um bom tempo eu acho. Ela ainda está com o par de botas pretas, a única coisa que veste o seu corpo, é uma bela gravura de um fetiche. Ao me sentar na cama, percebo que meu nível de embriaguez ainda é desesperador. Aqui não há ruídos. Não tem como saber as horas. Não tem como saber se é dia ou noite. Sacudo ela mais uma vez pelas ancas, chamo seu nome. Ela se vira pra mim com uma contorção do corpo, mal consegue abrir os olhos inchados, os cantos da boca um pouco manchados de saliva seca, me pergunta O que foi?

A gente dormiu, respondo. Ela reage com um sobressalto, fica de joelhos na cama, Por quanto tempo? Não sei, pega teu celular e vê as horas. Enquanto ela se levanta procurando a bolsa, pego o fone ao lado da cama e disco o número da recepção. Peço pra fecharem a conta no 304. Às sete e meia tenho que estar no trabalho. Cato minhas roupas, enfio a calça. São cinco e meia, diz a Dafne. Que merda, praguejo. Perco o equilíbrio tentando botar os tênis de pé e vou direto pro chão. Que horas chegamos aqui? Quinze minutos de sexo e quatro horas de sono na suíte de um motel.

Aguardo encostado na parede, sacudindo a chave do carro, enquanto a Dafne encaixa a saia vermelha ao redor dos

quadris. Corro até o banheiro, o mijo arde. Ligo a torneira da pia e tomo meio litro de água. Quando saio a Dafne está vestida, pergunto se ela quer ir pra casa ou fazer o quê. Casa mesmo. A conta fica mais barata do que eu temia. Dirigindo pelas ruas ainda vazias, não posso evitar de ver um pouco de beleza na paisagem em volta - há quanto tempo eu não via um sol nascer na minha cidade, colorindo o espaço entre os prédios, botando os mendigos pra dormir, acordando os pássaros, fazendo deslizar as portas corrediças das padarias, apagando os postes. Coloco a mão sobre a coxa da Dafne e comentamos por alguns instantes o fato de termos pegado no sono no motel. Arriscamos algumas piadas a respeito, mas no fundo estamos irritados. O acontecimento pesa sobre nós como uma fraqueza. Num segundo juízo, concluo que estamos os dois muito cansados, só isso. Engraçado, ano passado, no último semestre da faculdade, eu imaginava que após a formatura eu ia recuperar parte do meu tempo livre, e no entanto nunca estive tão envolvido com coisas que não me dizem respeito, nunca dormi tão pouco.

Deixo a Dafne no portão de casa, me pede que deseje boa sorte a ela, tem uma entrevista de estágio às dez da manhã, se conseguir a vaga vai ganhar o dobro do que ganha agora. Dou um boa sorte automático, um beijo e um sorriso, e lamento não ter sido um pouco mais carinhoso nessa despedida enquanto vejo ela atravessar o pequeno jardim em frente à casa num caminhar sonolento, tirando nós dos cabeços embaraçados. Linda.

Deixo o carro andar duas quadras e paro, indeciso entre ir pra casa dormir a manhã inteira e alegar uma doença qual-

quer pro meu chefe, ou ir direto pro centro, estacionar o carro com facilidade e aguardar o início do expediente. Opto por ir ao centro, tentando encarar a situação toda pelo lado bom, o da quebra de rotina. Peço um café preto e um sanduíche numa lancheria e tiro do bolsa meu caderno de notas. Releio uma série de trechos curtos, anotações em sua maioria desconexas, feitas a lápis. A Camila tem me cobrado insistentemente a versão finalizada do roteiro, mas já faz um tempo que não consigo escrever em casa, não consigo ligar o computador novamente depois de passar o dia todo na frente de uma tela no serviço. Suspeito que a idéia de escrever à mão durante o dia, num caderno de notas, também não vai funcionar. Vou relendo as páginas, e encontro apenas idéias incompletas, frases soltas, pequenos corpos de texto sem nenhum núcleo, e é assustador notar a semelhança entre essas notas e as notícias deficientes e mal escritas que publico o dia todo lá no trabalho. O trabalho.

Na noite de sexta-feira, e eu e a Dafne estamos dançando na pista do Garagem Hermética, o som é bem do jeito que eu gosto, agressivo. Eu giro a cabeça e sacudo o tronco pra frente e pra trás, movimentando os ombros de maneira caótica. Uma garrafa na minha mão contém cerveja quente. Estamos muito suados. A Dafne dança de um jeito um pouco afetado, em certas situações ela age como se fosse figurante de um filme. Ela conseguiu o novo estágio, vai fazer matérias sobre cultura para um grande portal de entretenimento, e nós dois temos consciência do vazio que isso significa. Mas ela vai ganhar uma grana, bem mais do que eu tou ganhando.

Ontem, quando ela me deu a notícia, tivemos uma conversa sobre apartamentos de um quarto, sobre morar sozinho, fazer festas e transar quando bem entender e ter uma luz estroboscópica na sala e uma geladeira com rum e chá de pêssego. Conversamos sobre viagens para o Chile e jantares eventuais em restaurantes de categoria. Sobre comprar um gravador de CD-ROM para copiar todos os discos dos nossos amigos. Sobre doar dinheiro a escritores geniais ignorados pelo mercado, sobre montar uma biblioteca doméstica e sustentar um jovem artista. Agora eu canso de pular, empurro ela contra a parede do Garagem e esfrego a boca em seu pescoço suado. Vamos embora.

Sigo o caminho da casa dela. Ela joga as pernas sobre o painel e enfia a mão na minha calça. Na placa que aponta Motel da Colina, dobro à direita.

Lembro que, no início, eu costumava reparar cuidadosamente nas características de cada novo quarto de motel em que entrava, como se a escolha dos motéis estivesse entre aquelas escolhas capazes de refletir nossa individualidade. Mas poucas coisas são mais impessoais que quartos de motel. Televisões, espelhos, o ruído do ar condicionado. Impessoais como devem ser os espaços para o exorcismo da vida cotidiana. Uma avenida passa na frente do quarto, e o som dos automóveis e gemidos dos quartos vizinhos parecem resultar num silêncio ainda mais profundo do que a própria ausência de ruídos. Estamos mortos de sono e com cheiro de cigarro nas roupas e cabelos. Nos abraçamos na cama e por um momento me parece que estamos chegando em casa, na nos-

sa casa, que há rum e chá de pêssego no frigobar. Deitamos de lado na cama, eu abraço ela por trás, levanto a sua saia e arranho suas coxas, estamos enroscados, deixo a mão descansar em cima dos peitos dela, e nenhuma situação no mundo poderia ser mais quente e confortável. Caio no sono por um instante e acordo assustado logo em seguida, só pra constatar que a Dafne está ela mesma adormecida.

Dessa vez, saímos do motel às dez da manhã. É um sábado ensolarado, nenhum traço de nuvem no céu. Não comentamos nada dessa vez sobre o fato de termos dormido. As camisinhas cortesia do motel, intactas, estão no bolso da minha calça. Pergunto à Dafne quando ela começa a trabalhar no novo estágio. Ela demora pra responder, e afinal me diz que está em dúvida entre aceitar ou não o trabalho. Não tem certeza se está disposta a ficar pra cima e pra baixo com uma câmera digital na mão, tirando fotos de celebridades de segunda categoria e escrevendo matérias insossas que não vão fazer diferença nenhuma. Não sabe se está disposta a trabalhar todos os fins-de-semana, a ficar até mais tarde sem ganhar hora extra, se vai conseguir manter o ritmo na faculdade pra se formar de uma vez por todas. Não sei o que aconselhar a ela. Fico dividido entre o bom senso paterno - dizer que trabalho é trabalho, é tudo uma droga mesmo e que ela vai desperdiçar um oportunidade de um bom início de carreira - ou o idealismo cúmplice - foda-se o estágio, a felicidade está em outro lugar, mesmo que pra chegar até lá tu use o dinheiro dos teus pais. Não quero pensar sobre isso. Ela observa através do vidro do carro com olhos sérios e a boca

entreaberta. Ultrapasso uma carroça. O cavalo raquítico e pesteadado é guiado por uma menina adolescente. Ligo o rádio e deixo numa música que eu não gosto muito.

Passo o início da tarde vendo um filme idiota na tv. Lá pelas quatro, me ligam da redação. Um incêndio no Parque Marinha. Pedem pra eu ir cobrir. Pego um táxi, peço nota fiscal, e quando desço na Borges de Medeiros há um carro de bombeiro no local, o fogo está quase apagado. Troco umas palavras com um bombeiro e com um cidadão que afirma ter visto uma criança com um spray de inseticida e um isqueiro tocando fogo nuns arbustos. Telefono pro plantonista na redação e dito uma notinha. Eu mesmo devia ter escrito o texto, mas me dá uma vontade de mandar todo mundo ir pastar. Chego em casa já de noite. Fico durante umas três horas na frente do computador tentando finalizar o roteiro que a Camila me encomendou, e falho miseravelmente. Conecto o micro e confiro a nota sobre o incêndio, publicada com o mínimo destaque possível numa subcapa do site. Desligo o computador e desisto do dia de hoje.

Só falo com a Dafne novamente na quarta-feira. Ligo pra ela de noite, antes de sair do serviço. Falo no celular, dentro do banheiro. Digo que preciso sentir o cheiro da nuca dela, o cheiro que ela tem na raiz dos cabelos atrás do pescoço. Quero sentir o gosto dela. Ela está na sala de aula, escuto ela saindo, diz que está indo pro pátio pra poder falar. Eu preciso ter ver, agora, digo. Preciso transar contigo agora, sem estar bêbado, nem cansado. Ela diz pra eu ir pegar ela na universidade. Saio do trabalho e vou. Vamos para um grande

motel na zona norte. Peço a chave do quarto mais caro. Ela está usando o mais gracioso de seus vestidos, um que desenhava seu corpo com perfeição. Ela me conta que deram o estágio pra uma outra pessoa. Eu arranco o vestido dela e beijo cada parte do seu corpo, faço dedicadamente cada coisa que eu sei que ela gosta que eu faça, fodo ela com a língua, boto ela de quatro metendo rápido, fundo, e agora acredito que meu trabalho, meu roteiro inacabado, tudo que eu queria ter escrito mas não consegui, minha poupança, nosso futuro apartamento, o mecenato, o rum e o chá de pêssego, os livros e os CDs, o Chile e os estágios, tudo isso junto não vale o momento em que ela olha pra mim por cima do ombro, com lágrimas nos olhos, dizendo Faz o que tu quiser comigo, faz o que tu quiser. Eu faço. E depois de tudo, deixo o quarto à meia-luz, somos embalados pelo silêncio profundo do ar condicionado e da água da piscina térmica, cubro ela com o lençol, já quase dormindo ela me diz Boa noite e eu, exausto, respondo: Boa noite.



Oriundo da indústria pornô, Daniel Galera é autor de *Dentes guardados* (2001; Itália: 2004) e *Até o dia em que o cão morreu* (2003). Em 1999, fez a oficina literária de Henry Darger e trocou o cinema pelas Belas-Letras.

<http://galera.livrosdomal.org>

Copyright © Daniel Galera, 2001-2004

Coordenação editorial, revisão, projeto gráfico: Livros do Mal  
Livros do Mal é Daniel Galera, Daniel Pellizzari e Guilherme Pilla  
Ilustrações: Guilherme Pilla

ISBN 85-901822-1-5

1ª edição: 2001, 600 exemplares

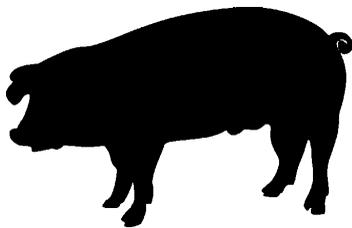
2ª edição: 2002, 500 exemplares

3ª edição: 2004, PDF

**livros  
do mal**

Informações sobre a editora:

<http://www.livrosdomal.org>



Este livro eletrônico pode ser distribuído e impresso livremente, desde que de forma gratuita e que seu conteúdo não sofra nenhum tipo de alteração. Os transgressores serão currados por um javali asmático.